

## A TRAJETÓRIA SOCIOEDUCACIONAL DE ANALIA FRANCO, A “BRILHANTE FIGURA DIDÁTICA”

### THE SOCIO-EDUCATIONAL TRAJECTORY OF ANALIA FRANCO, THE “BRILLIANT DIDACTIC FIGURE”

Rosangela Molento Ferreira

*Doutora em História da Educação (Universidade Católica de Santos – UNISANTOS),  
Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP),  
Especialista em Literatura Brasileira (Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR).*

**Contato:** [rosangela.ferreira2@fatec.sp.gov.br](mailto:rosangela.ferreira2@fatec.sp.gov.br)

#### RESUMO

Pela relevância da trajetória socioeducacional de Analia, suas atividades pedagógicas, literárias e sociais, do nascimento até sua morte, realizou-se um levantamento de dados e verificação das informações referentes à sua atuação como professora de primeiras letras no Estado de São Paulo, publicações das mais diversas literaturas de sua autoria, a criação da AFBI, o matrimônio e seu falecimento, são apresentados de forma cronológica, de acordo com a sequência das publicações das notícias e relatórios. As fontes de pesquisa foram os relatos de fatos e acontecimentos publicados, basicamente, nos periódicos que datam de 1875 a 1919, disponíveis em formato digital nos sites da Biblioteca Nacional Digital e do Arquivo Público do Estado de São Paulo, entre outros jornais, livros, revistas e os documentos oficiais do governo, citados no decorrer do trabalho.

**Palavras-chave:** Analia Franco. AFBI. Periódicos. Biografia.

#### ABSTRACT

Due to the relevance of Analia's socio-educational trajectory, her pedagogical, literary and social activities, from birth until her death, a data collection was carried out and information was verified regarding her performance as a teacher of kindergarten in the State of São Paulo, publications of the most diverse literature of his authorship, the creation of the AFBI, the marriage and his death, are presented chronologically, according to the sequence of publications of the news and reports. The research sources were reports of facts and events published, basically, in periodicals dating from 1875 to 1919, available in digital format on the websites of the Biblioteca Nacional Digital and the Arquivo Público do Estado de São Paulo, among other newspapers, books, magazines and official government documents, cited throughout the work.

**Keywords:** Analia Franco. AFBI. Periodical. Biography.

## INTRODUÇÃO

Analia Emilia Franco (01/02/1853 – 20/01/1919, 65 anos) nasceu na cidade de Resende, Rio de Janeiro, e foi batizada no dia 29 de março de 1853, na Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Resende, pelo vigário Ignácio Ferreira Franco, e os pais: Antonio Mariano Franco Junior e Dona Teresa Emília Franco; foram padrinhos Tenente coronel Joaquim Louis Jardim e Dona Antonia Ferreira Jardim. Estas informações constam na certificação da certidão de batismo de Analia, copiada do original, a qual me foi enviada por e-mail no dia 20 de dezembro de 2018, pelo diretor do acervo do Arquivo Histórico da Fundação Casa da Cultura Macedo Miranda, de Resende. Analia teve mais dois irmãos: Antonio Mariano Franco e Ambrosina Franco de Salles (casada com o Coronel Julio Salles) e, em 1861, com 08 anos de idade, Analia muda-se com sua família para a cidade de São Paulo (MONTEIRO, 1992, p. 37).

A partir da cidade de Guaratinguetá, de acordo com os registros encontrados que datam de 1875, Analia dedica-se a suas atividades pedagógicas como professora de primeiras letras pelo interior do estado de São Paulo até chegar na capital. Este percurso está detalhado mais abaixo, com informações sobre os locais e datas, conforme as fontes documentais dos impressos da época.

No ano de 1888 começam a ser publicados seus muitos textos (aproximadamente 50) dos mais diversos assuntos e gêneros literários, são artigos, contos, crônicas, dissertações evangélicas, hinos, peças teatrais, poemas, romances, folhetos, veiculados na imprensa e outras produções. Ela também publica seus próprios periódicos e materiais didáticos, na seguinte ordem temporal: a revista *Album das Meninas* (1898); o *Manual para as Escolas Maternais* (1902); o jornal da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva: *A Vóz Maternal* (1903); *Lições para as Escolas Maternais* (1905); os livros *Leituras Progressivas para Crianças* (1906); *Novo Manual Educativo* (1906); *Manual das Mães* (1913); *Lições aos Pequenininhos* (1914).

Em 1901 ela criou a AFBI, Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, com a missão de fundar escolas de ensino gratuito, a princípio na capital e interior do Estado, para o acesso à educação de crianças desvalidas, órfãos e mulheres social e financeiramente desamparadas, mantidas com subvenções públicas, contribuições da população com serviços, ajuda financeira e todo tipo de auxílio material, e em parcerias com instituições religiosas (principalmente espíritas), a maçonaria, órgãos públicos e iniciativa privada. Além dos conhecimentos sobre a criação e desenvolvimento da AFBI, nesta seção é apresentado o grupo artístico e musical criado por Analia que realizou turnês com grande sucesso por todo o Estado de São Paulo, que angariava fundos para manutenção das instituições da Associação e, a partir de 1911, Analia funda a Colônia Regeneradora Dom Romualdo de Seixas onde vive até o final de seus dias.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Retomemos, então, a partir do casamento de Analia, que aconteceu em 08 de novembro de 1902 (um ano após a criação da AFBI), em São Paulo, ela estava com 49 anos de idade, bastante incomum para a época. Seu cônjuge é Francisco Bastos, o contador da Associação, conforme publicado na coluna “Felicitações”<sup>1</sup>: “Casaram-se hontem nesta capital a exma. sra. d. Analia Emilia Franco, professora do 8º districto, com o sr. Francisco Antonio Bastos, guarda-livros da Associação Feminina Beneficente”<sup>2</sup>. Francisco se torna oficialmente seu companheiro matrimonial até a morte dela. Como se pode comprovar, Analia possuía uma certa projeção midiática e popularidade, pois as datas e eventos sociais de sua vida, como o aniversário, casamento e falecimento, são publicados em alguns diferentes jornais, tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro.

Neste mesmo jornal, Analia foi felicitada pelo seu aniversário em quatro anos seguidos, de 1905 a 1908, sempre na publicação de 01 de fevereiro, na coluna “Chronica social” sobre os aniversariantes do dia, “A exma. sra. d. Analia Franco, benemerita educacionista, presidente da Associação Beneficente e Instructiva”<sup>3</sup>, nesta ocasião ela estaria completando 52 anos. A edição de 1906 (p. 02), é na mesma coluna e com os mesmos dizeres, mas com o nome completo, incluindo o sobrenome do marido: sra. Analia E. Franco Bastos. Na publicação de 1907, a coluna chama-se “Carnet do dia”, na p. 03, e é grafado novamente com o nome de solteira. E, em 1908, na coluna “Vida social”, p. 03, o texto é: “Fazem annos: A exma. sra. d. Analia Franco Bastos, directora das Associações Beneficentes do Ensino e Crèche”. Outro jornal, “O Combate”<sup>4</sup>, p. 02, em 01 fev. 1918, traz uma nota sobre seu aniversário e, diferente do que lemos na maioria das informações, é citado o seu marido, na coluna “Chronica da vida social”, anunciando o aniversário naquele dia de “Analia Franco, esposa do sr. Antonio Francisco Bastos e presidente da Associação Beneficente”. Era rara a aparição do nome do seu marido e, quando isso acontecia, estava sempre vinculado a alguma notícia referente a Analia e suas atividades.

No “Almanak Laemmert”<sup>5</sup>, um indicador nominal dos principais habitantes, negociantes, industriais e profissionais da cidade de SP, consta o endereço e telefone da sede da AFBI, com o sobrenome Bastos: “Bastos (Amalia Franco), *dir. ger. das Crèches e Asylos*, r. S. Paulo, 47, TELEPH. 1355”. Nota-se que a maioria das informações sobre Analia que veremos neste trabalho não está incluído o sobrenome do marido, e a grafia com “m” no nome de Analia era comum ocorrer.

Na ocasião do seu falecimento, no dia 20 jan. 1919, em São Paulo, houve uma epidemia da influenza, mais conhecida como gripe espanhola, sendo a maior epidemia

<sup>1</sup> Jornal “O Commercio de São Paulo”, edição 3113, 09 nov. 1902, p. 03.

<sup>2</sup> Todos os excertos transcritos neste trabalho estão registrados de acordo com a literalidade e a grafia original do texto.

<sup>3</sup> Edição de 01 fev. 1905, p. 02

<sup>4</sup> “O Combate: Independencia, Verdade, Justiça” (SP), jornal publicado de 1917 a 1927.

<sup>5</sup> Edição 73, ano 1917, p. 4574.

da história, de acordo com o artigo de Anna C. R. de C. Ribeiro<sup>6</sup>, com a estimativa que tenha atingido de 80% a 90% da população mundial, entre os anos finais da guerra e o início do ano de 1919; “Desabastecimento, saques e pilhas de cadáveres aguardando enterramentos passaram a compor a paisagem caótica paulistana durante os dias de combate à epidemia. Até o último dia de 1918 somaram-se oficialmente 5.331 mortes na cidade de São Paulo”. Entre os jornais que noticiaram o seu falecimento, é feita menção desta epidemia associada à causa da morte de Anália.

Vários jornais noticiam a sua morte, como O Combate, Correio Paulistano e os jornais cariocas A Epoca e A União, dando informações da data, local e horário do seu falecimento, féretro e enterro, com a presença de representantes de grupos escolares, de autoridades públicas e de instituições espíritas e maçônicas, prestando suas homenagens no evento. Alguns produziram longos textos destacando suas atividades como escritora, fundadora de periódicos e instituições educacionais na capital e no interior, com palavras elogiosas à sua pessoa e atuação na educação, na caridade e no feminismo, publicando em até três dias seguidos maiores informações, sendo uma delas como matéria de capa (primeira página). Mas para um jornal católico, ela havia sido uma pecadora diante dos olhos da Igreja Católica, por ter se associado a outros seguimentos e, portanto, necessitada do perdão de Deus. Todas essas informações são detalhadas a seguir.

O jornal O Combate, de 21 jan. 1919, p. 03, na coluna “Chronica da vida social” notifica que Anália havia falecido no dia anterior nesta capital, e seu enterro fora realizado no dia desta publicação, às 9h, saindo o féretro do Asilo e Creche, à rua São Paulo, 47, para o cemitério da Consolação.

O periódico carioca A Epoca<sup>7</sup> faz um relato sobre muitas de suas atividades literárias e educacionais de benemerência, inclusive as sucursais, e destaca sua atuação no movimento feminino. Inicia afirmando que, em São Paulo, havia falecido e enterrado a professora Anália Franco Bastos (o único anúncio que cita o sobrenome do marido). É informado que ela era fluminense e tinha 63 anos de idade (e não 65), havia sido uma brilhante figura didática e achava-se ultimamente em comissão nas escolas maternas do Estado de São Paulo; que fundara a revista de educação “O Album das Meninas”; escrito vários livros escolares, comédias, dramas, poesias, os romances “A filha do artista” e “A égide materna”; e era fundadora de várias instituições de benemerência pública, destacando-se a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, e os asilos em “Santos, Jundiahy, Monte Azul, Rio Claro, Jaboticabal, Barretos, São José do Rio Pardo, Ribeirão Preto e em outras localidades do Estado de São Paulo”. Reconhecendo sua atividade em prol da mulher, a nota termina destacando sua

<sup>6</sup> Historiadora (FFLCH- USP), pós-graduanda do Programa de Saúde Pública (FSP-USP), especialista em Educação Permanente em Saúde (UFRGS), pesquisadora do Centro de Memória da FSP-USP e membro dos Grupos de Pesquisa História e Memória da FSP-USP e Salus – História da Medicina e da Saúde (FM-USP). Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/ha-cem-anos-a-gripe-espanhola-assolava-sao-paulo/>>. Acesso em 21 set. 2019.

<sup>7</sup> A Epoca (RJ), foi impresso de 1912 a 1919. A notícia em questão é do dia 23 jan. 1919, p. 06, na coluna “Sociaes”.

imagem feminista: “A professora Analia Franco era uma figura do verdadeiro feminismo nacional”.

No Correio Paulistano<sup>8</sup>, de 21 jan. 1919, p. 02, há um extenso relato sobre a vida de Analia, com mais informações que os outros jornais, incluindo detalhes sobre sua família. Inicia com a notícia de que havia falecido no dia anterior, nesta capital, às 12:00, a diretora da AFBI do Estado de São Paulo, e lamenta pela infância desvalida, não somente da capital, mas de todo o interior, com a perda de uma das suas maiores protetoras, a qual dedicara esforços em prol das crianças desamparadas, instituindo asilos e creches para os “pequenininhos infelizes”, colégios nesta capital e outros em São Vicente e diversas cidades. A seguir há um texto enaltecendo o que disseram ser sua grandiosa e hercúlea obra: “Ella era, ao mesmo tempo, o cerebro creador e o braço executor das idéas que se arrojava em iniciativas gigantescas e as ia levando avante, embora as dificuldades surgissem, algumas vezes, á sua frente. Foi uma batalhadora energica e intelligente (...) A morte da virtuosa senhora vai ecoar tristemente por toda a parte, porque ninguem desconhecia o benefício que ella vinha prestando, como mãe prodiga, a milhares de crianças desprotegidas”. É informado que ela nasceu em Rezende, em 1856 (e não em 1853, mesmo equívoco da notícia anterior, que afirmou sua idade de 63 anos), colaborou em diversas revistas, escreveu sobre educação, era formada pela escola normal e professora do grupo escolar do Arouche, mas achava-se em comissão, fundou o “Album das meninas”, revista de educação feminina, escreveu dramas e comédias para crianças, muitos livros escolares, dois romances, “A filha do artista” e “A egide materna”, e muitas poesias. E que em 1901 fundou a AFBI, asilos e creches em 17 cidades: Santos, Jundiahy, Dobrada, Rio Claro, Brotas, Pederneiras, Jaboticabal, Barretos, São José do Rio Pardo, Dourado, Ribeirão Preto, Sertãozinho, Monte Azul, São José do Rio Preto, Santa Ernestina, Rincão e Sales Oliveira; e na capital o asilo e creche, à rua São Paulo, 47, e a Colônia Regeneradora numa chácara no alto da Mooca, informando que é um instituto para “meninos”. E nessas creches e asilos mantinha mais de 600 órfãos e viúvas internas e mais de 1000 externas. Ao final, é informado sobre a família dela, o nome do marido, do irmão Antônio Mariano Franco, que residia em Monte Azul, da irmã d. Ambrosina Franco de Salles, casada com o coronel Julio de Salles; e que o sobrinho dela trabalhava em outro jornal: “tia do bacharelado Julio de Salles Junior, nosso prezado collega do ‘Jornal do Commercio’”. O enterro se realizaria naquele dia, às 14h, saindo o féretro da rua São Paulo 47, para o cemitério da Consolação. “As nossas condolências”.

Continua na edição do dia seguinte, na p. 02, informando que o enterro havia se realizado no dia anterior, às 16h, com grande acompanhamento, citando os nomes de representantes das instituições parceiras, de autoridades públicas, seu irmão e sobrinho, entre outros: o diretor do grupo escolar do Arouche e um representante do corpo docente, representantes do presidente do Estado, da União Espírita do Estado de São Paulo, do grupo “Luz e Caridade”, de Limeira, uma comissão da Associação

<sup>8</sup> Periódico da cidade de São Paulo, publicado entre os anos de 1854 a 1969, do Editor gerente: Joaquim Roberto de Azevedo Marques.



Feminina, das escolas “7 de Setembro”, da loja “Estrela D’Oeste”, e muitos outros nomes. A seguir há uma descrição dos dizeres das coroas, sendo a maioria deles de adeus, saudades e gratidão, começando pelos do seu marido, dos órfãos da Colônia Regeneradora, de sua irmã e cunhado, da Loja Maçônica de Ribeirão Preto, do asilo de Ribeirão Preto, da creche e asilo de Santos, das órfãs do asilo de Jundiáí, do asilo de Barretos, das representações citadas acima e nomes de várias outras pessoas.

Ainda neste jornal, na publicação de 25 jan. 1919, a primeira matéria da primeira página, assinada por Paulo Moutinho, com o título “Pela infancia desvalida (Carta as senhoras paulistas)”, descreve um reconhecimento da obra de Analia por ela ter abrigado milhares de órfãos, e um apelo à continuidade desta missão pelas compatriotas do autor, denunciando o grande número de crianças desafortunadas, “Inumeras victimas da miseria que vagabundeiam pelas ruas, pedindo uma esmola. Esta scena é repetida quasi todos os minutos. Em todos os pontos da cidade, os mantenedores da ordem recolhem numerosas criancinhas esfarrapadas, que faqueiam os transeuntes”, afirmando que certamente são crianças que perderam o pai ou a mãe durante a epidemia da gripe, e imploram a caridade, pois não há asilos suficientes. E não havia quem não conhecesse o nome de Analia em São Paulo pois ela atuava há 15 anos no socorro aos desgraçados da fortuna, estendendo o texto com palavras emotivas e poéticas sobre sua figura maternal e cuidadosa, pedindo de porta em porta pelos seus filhos, empreendendo excursões pelas educandas, socorrendo outros menores pobres pelo interior e, assim “organizou talvez o melhor serviço beneficente do paiz”. E o autor dirige-se às suas patrícias, dizendo que Analia “já não continu’a no seu mister sacrossanto. Uma enfermidade insidiosa roubou-a á bençam dos seus milhares de protegidos”, deixando uma herança legada às “senhoras da minha terra” que precisam ser as novas mães substitutas dela.

Por outro lado, o jornal católico A União, RJ, na edição de 06 fev. 1919, apresenta um texto sob o título “Falleceu a sra. Analia Franco! – documentos contristadores” criticando Analia por ter desenvolvido, por todo o Estado de São Paulo, “uma acção pertinaz em favor do protestantismo e outras seitas. Por mais de uma vez fomos obrigados a prevenir os catholicos contra as suas palavras blandiciosas”, citando um jornal de S. Paulo (provavelmente o Correio Paulistano) que informou sobre quem representavam os presentes ao seu enterro: o representante da União Espírita do Estado de São Paulo, de uma família protestante, do grupo Luz e Caridade e da Loja Estrella Oeste; e sobre as homenagens das coroas: da Loja Maçônica de Ribeirão Preto, da Estrela d’Oeste de Ribeirão Preto, da Loja 7 de setembro e de uma família protestante. “Por aqui se póde fazer um juizo das idéas de Analia Franco. Que Deus lhe perdôe os pecados”.

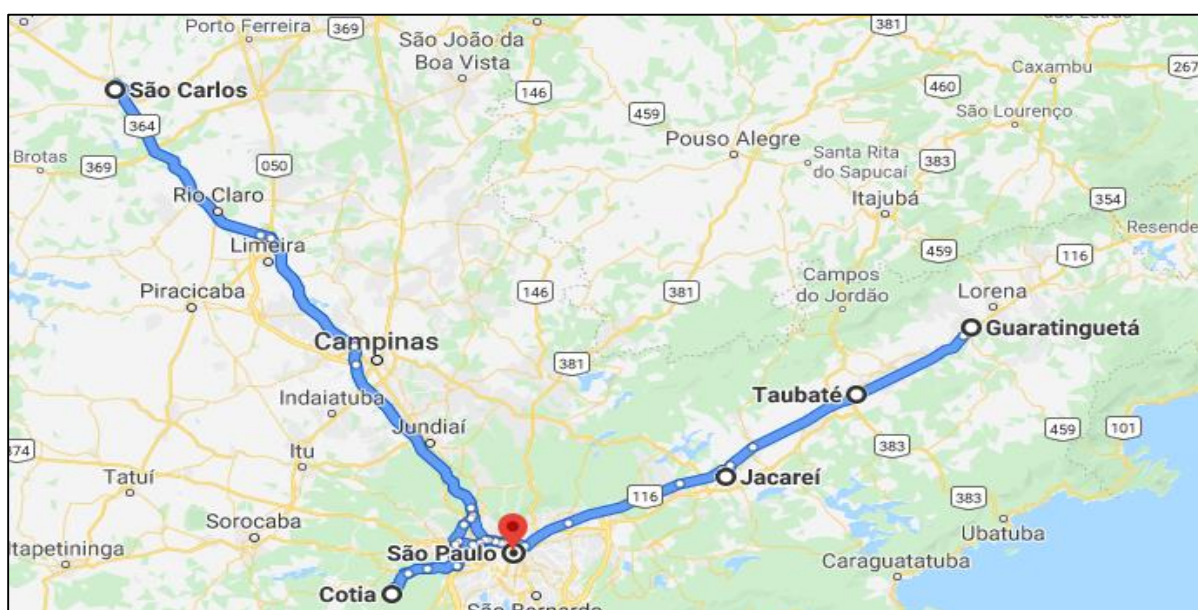
Sabe-se que, logo após sua morte, houve mudanças nos Estatutos da AFBI, como informa o jornal Correio Paulistano, de 17 fev. 1919, p. 02, sobre a realização, no dia anterior a esta publicação, de uma sessão especialmente convocada para discutir a reforma do Estatuto que seria realizada na assembleia do próximo dia 23, já ficando resolvido facilitar a entrada para o quadro social de todos os que quisessem fazer parte desta instituição, acrescentando que abriga mais de 1.500 crianças pobres. E na edição

de 22 mar. 1919, p. 01, é comunicado o nome da nova diretora, a sra. d. Rosina Nogueira Soares. E o nosso recorte temporal limita-se até a data do falecimento dela, portanto não prosseguiremos com maiores informações sobre a situação da AFBI após esse período.

### Professora de Primeiras Letras no Interior e Capital

Nas pesquisas realizadas em periódicos digitalizados do site da Biblioteca Nacional Digital, encontra-se o seguinte percurso, pelas cidades do interior do Estado de São Paulo, os locais e datas que Analia lecionou como professora de primeiras letras, entre outras funções: Guaratinguetá, até 1875, Jacareí, 1875 a 1876, São Paulo, 1877 a 1878 (para cursar o primeiro ano do magistério), volta a Jacareí, 1878 a 1880, São Carlos, 1882 a 1885, Cotia, 1885 a 1887, Taubaté, a partir de 1887, e em São Paulo, 1895 em diante, conforme ilustrado na rota do mapa abaixo.

**Figura 1.** Rota das cidades que Analia lecionou.



Fonte: Elaborada pela própria autora, a partir do mapa de rotas do *google maps* (<https://www.google.com.br/maps>).

O mapa acima ilustra o roteiro das cidades onde Analia atuou como professora no final do século XIX, sendo que Guaratinguetá, Taubaté e Jacareí fazem parte do Vale do Paraíba, região que nesta época estava em franco crescimento econômico devido à expansão da produção cafeeira, um fator de justificativa do crescimento da criação de escolas nas fazendas desta área, e a necessidade da contratação de professores, como vem elucidado a seguir.

## A Expansão Cafeeira

Sobre a questão socioeconômica, a produção cafeeira foi a atividade agrícola que se destacou neste período, seu grande avanço se deu de 1821 a 1900, deslocando-se para o Centro-Sul do país, crescendo consideravelmente com o surgimento da produção para exportação desde as primeiras décadas do século XIX.

O Vale do Rio Paraíba, estendendo uma parte para o Rio de Janeiro, apresentava melhores condições pela disponibilidade de terra virgem e do clima favorável a este tipo de agricultura, para a sua grande expansão em níveis comerciais, devido à proximidade com o porto do Rio de Janeiro e de Santos, facilitando o escoamento do produto, e para obtenção de crédito e compra de mercadorias, como afirma o historiador Boris Fausto (1995). Os grandes fazendeiros do vale do Paraíba receberam benefícios do poder central (como a concessão de títulos de nobreza), pois para implantar uma fazenda de café, o fazendeiro tinha de fazer investimentos que incluíam a derrubada da mata, o preparo da terra, o plantio, as instalações e a compra de escravos, portanto a Lei do Ventre Livre estava em oposição aos fazendeiros, sendo que nesse período boa parte da expansão do tráfico de escravos se deveu às necessidades da lavoura do café, por isso que a maioria dos cativos foi enviada para as lavouras cafeeiras do vale do Paraíba ou ficou no Rio de Janeiro até a supressão do tráfico:

O suprimento de cativos após 1850 se deu através do tráfico interprovincial, sob a triste forma da transferência forçada de escravos de uma região para outra. Entre 1864 e 1874, o número de escravos no Nordeste declinou de 774.000 (45% do total de escravos existentes no Brasil) para 435.687 (28% do total). No mesmo período, nas regiões cafeeiras, a população escrava aumentou de 645 mil (43% do total de escravos) para 809.575 (56% do total) e só na província de São Paulo o número de cativos dobrou, passando de 80.000 a 174.622 (FAUSTO, 1995, p. 204).

O autor relata que a economia do Oeste Paulista deu origem a uma nova classe denominada *burguesia do café* que, num processo de muitas décadas, ocorreu a acumulação de capitais, diversificação da economia, formação de um mercado de terras, de produção e de consumo, como resultado da produção cafeeira e, então, foi se combinando com investimentos em ferrovias, bancos e no comércio. A expansão do café gerou uma rede de núcleos urbanos que se tornou centros de pequena produção industrial e de consumo de 1858 a 1880: Jaú, Ribeirão Preto, Barretos, São José do Rio Preto e Bauru.

Além das cidades citadas acima, destaca-se uma grande fazenda em Guaratinguetá, do coronel Virgílio Rodrigues Alves, irmão do que viria a ser o presidente da República, que se associou a parentes para plantar café em São Manuel e em Piratininga, justificando o percurso pelo Vale do Paraíba onde Analia foi professora de primeiras letras, iniciando por Guaratinguetá em 1875.

A partir de então chega a massa de imigrantes, diversificando a economia de forma decisiva; a imigração para as zonas cafeeiras de São Paulo começa no Segundo



Reinado mas, principalmente, nos anos posteriores à proclamação da República, havendo uma retomada dos esforços para atrair imigrantes a partir de 1871, prenunciando a aprovação da Lei do Ventre Livre. Fausto (1995) apresenta os seguintes dados:

O Brasil foi um dos países receptores dos milhões de europeus e asiáticos que vieram para as Américas. Cerca de 3,8 milhões de estrangeiros entraram no Brasil entre 1887 e 1930. O período 1887-1914 concentrou o maior número, com a cifra aproximada de 2,74 milhões, cerca de 72% do total. Esta concentração se explica, em entre outros fatores, pela forte demanda de força de trabalho para a lavoura de café (...). O Estado de São Paulo se destacou no conjunto, concentrando sozinho a maioria de todos os residentes estrangeiros no país (52,4%). Essa preferência se explica pelas facilidades concedidas pelo Estado (passagens, alojamento) e pelas oportunidades de trabalho abertas por uma economia em expansão (p. 207).

Nos primeiros anos da imigração em massa para o Estado de São Paulo, os imigrantes submetiam-se às mesmas duras condições gerais de tratamento dos trabalhadores no país, equivalendo praticamente a dos escravos, comprovado pelo grande número dos que acabaram voltando ao país de origem, pelas queixas dos cônsules e as medidas tomadas pelo governo italiano.

Quanto à educação, o autor apresenta alguns aspectos do Brasil em sua primeira fase como país independente, entre 1822 e 1890: “Os primeiros dados gerais sobre instrução mostram enormes carências nessa área. Em 1872, entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99,9% e entre a população livre aproximadamente 80%, subindo para mais de 86% quando consideramos só as mulheres” (FAUSTO, 1995, p. 237), completando que somente 16,85% da população entre 6 e 15 anos frequentavam escolas e apenas 12.000 alunos estavam matriculados em colégios secundários. Esta era a realidade vivida por Analia nos anos iniciais e subsequentes do seu magistério, por isso a sua luta pela necessidade da instrução ao alcance de todos, no contexto do desenvolvimento do capitalismo, do processo de industrialização e do crescimento dos polos urbanos.

O autor completa que, paradoxalmente, um número de 8000 pessoas tinha educação superior no país, um grande abismo entre a elite letrada e a grande massa de analfabetos e de gente com educação rudimentar. O Brasil continuava a ser um país essencialmente agrícola: 80% da economia estava voltada ao setor agrícola, 13% ao de serviços e 7% à indústria, desde as últimas décadas do século XIX até 1930.

Quando Analia volta para São Paulo e lá estabelece a AFBI para a criação de escolas na capital e no interior, justifica-se por outro fenômeno importante destacado por Boris: a urbanização, especialmente o grande crescimento na capital do Estado de São Paulo, pelo afluxo de imigrantes e dos que saíram das atividades agrícolas. A cidade oferecia, como afirma Fausto (1995) espaço livre “ao artesanato, ao comércio de rua, às fabriquetas de fundo de quintal, aos construtores autodenominados ‘mestres italianos’, aos profissionais liberais. Como opção mais precária, era possível empregar-

se nas fábricas nascentes ou no serviço doméstico” (p. 285). A partir de 1886, São Paulo começou a crescer em ritmo acelerado, “a grande arrancada se deu entre 1890 e 1900, o período em que a população paulistana passou de 64.934 para 239.820 habitantes” (p. 286). Era na capital paulista a sede dos maiores bancos e os principais empregos burocráticos, e o grande centro distribuidor dos produtos importados, o elo entre a produção cafeeira e o Porto de Santos.

### De Guaratinguetá a São Paulo

Nos primeiros registros encontrados sobre a sua atividade pedagógica consta que, até o ano de 1875, ela lecionava em Guaratinguetá e, nesse ano, mudou-se para Jacareí para assumir a cadeira criada naquela cidade, de acordo com uma publicação<sup>9</sup>, na coluna “Noticiário Geral”, sobre os atos da presidência, por despacho do dia 15 de abril de 1875, concedendo à professora de primeiras letras de Guaratinguetá, Analia Emilia Franco, a remoção para a 3ª cadeira criada na cidade de Jacareí.

Confirma-se, não só a Analia como professora da cidade de Jacareí em 1875, mas a precariedade da condição da escola pela necessidade de mobília<sup>10</sup>, na coluna “Parte Oficial” – Expediente da presidência – 1ª seção, dia 02, comunicando à professora pública de primeiras letras de Jacareí, d. Analia Emilia Franco, que fora providenciado os móveis e utensílios necessários à sua escola.

Do mesmo modo, na edição de 30 de março de 1876<sup>11</sup>, na seção “Noticiário”, sobre a cidade de Jacareí do jornal “Jacarehyense”, consta que Anália era professora nesta cidade e que sua mãe era a diretora do colégio de meninas: “a professora de primeiras letras dessa cidade, a sra. d. Analia Franco tem em mãos uma comédia e um drama já quasi concluídos, com os quaes pretende solemnizar o aniversário da fundação do collegio de meninas dirigido por sua mãe”, e seriam representados por suas discípulas no teatro dessa cidade.

Com a reabertura da Escola Normal de São Paulo, em 1877, ela vai para a capital cursar o magistério, com autorização do inspetor geral da instrução pública que mandou matricular a professora pública da cidade de Jacareí, Analia Emilia Franco, no 1º ano da escola normal, com o respectivo ordenado, de acordo com a publicação no jornal “Diario de S. Paulo”<sup>12</sup>.

No final deste ano, Analia presta o exame e é aprovada, conforme consta na seção “Noticiário”<sup>13</sup>, que traz a informação sobre o início dos exames da Escola Normal, em 17 de dezembro de 1877, dos alunos-mestres, citando os nomes da comissão

<sup>9</sup> Jornal Correio Paulistano, de 17 de abril de 1875, edição 05565, p. 02.

<sup>10</sup> Jornal Diario de S. Paulo, de 07 de setembro de 1875, edição 2938, p. 01.

<sup>11</sup> Jornal A Província de São Paulo (atual O Estado de S. Paulo), p. 03. Exatamente o mesmo texto é publicado na edição 94, de 03 de abril de 1876, na p. 02, do jornal O Globo (RJ), na coluna “Mala do Interior”, sobre o que consta no *Jacarehyense*.

<sup>12</sup> Edição 3368, de 08 de março de 1877, na coluna “Parte Oficial” – Expediente da presidência – 2ª seção.

<sup>13</sup> Jornal A Província de São Paulo, de 01 de janeiro de 1878, p. 02.

examinadora do segundo e do primeiro ano, no qual o seu nome “D. Amalia Emilia Franco” (nota-se o erro na grafia do seu nome, como dissemos anteriormente) aparece, em segundo lugar pela ordem alfabética, como *aprovada plenamente* no primeiro ano. E na edição de 29 de dezembro de 1877, o texto com o título “A exma. sra. d. Amalia Franco”, assinado por “Justus”, faz um destaque elogioso, informando que Analia, professora da cadeira da cidade de Jacareí, realizou o exame do primeiro ano da Escola Normal de forma “brilhante”, revelando uma “inteligência digna de apreço”.

No ano seguinte, em 1878, a Escola Normal foi interrompida (reaberta posteriormente pela Lei nº 130, de 25/4/1880), e Analia não pôde dar continuidade aos seus estudos, mas a lei nº 880, de 6 de outubro de 1903<sup>14</sup>, equiparou aos normalistas os alunos que haviam sido aprovados nas matérias do 1º ano e estavam matriculados no 2º ano, e que tivessem exercido o magistério primário em grupos escolares ou escolas isoladas públicas do Estado. Assim, Analia pôde obter a mesma condição dos diplomados.

De volta a Jacareí é publicado na imprensa uma nota escrita por ela sobre sua partida<sup>15</sup> de São Paulo, com o título “Despedida”, datada de 16 de maio de 1878, informando que, de partida para a cidade de Jacareí, Analia usa esta “folha” para despedir-se, já que não pôde fazê-lo pessoalmente, dos seus dignos professores e amigos, bem como de todos os normalistas seus colegas, oferecendo-lhes os seus préstimos em Jacareí. E em 1880, a pedido da própria Analia, ela é exonerada do emprego de professora pública da 3ª cadeira da cidade de Jacareí<sup>16</sup>.

A partir de 1882, há propagandas<sup>17</sup> sobre o “Collegio Santa Cecilia” para meninas, em São Carlos do Pinhal (atual cidade de São Carlos), uma escola diferenciada das outras que ela tinha trabalhado até então (possivelmente pela condição de diplomada pela Escola Normal), onde, além de professora, Analia foi também diretora, com informações sobre o ano de fundação, o currículo dos cursos primário e secundário, os valores<sup>18</sup> trimestrais para internos e externos de ambos os cursos, os acréscimos e descontos e o período de férias, de acordo com a figura 2.

<sup>14</sup> Disponível em:

<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1903/lei-880-06.10.1903.html>. Acesso em 30 nov. 2018.

<sup>15</sup> Edição de 18 de maio de 1878<sup>15</sup> do jornal “A Província de São Paulo”, p. 02, na coluna “Seção Livre”.

<sup>16</sup> Jornal Correio Paulistano (SP), edição 07022, de 23 de abril de 1880, na coluna “Noticiário”, título “Actos da presidência”, em 20 do corrente.

<sup>17</sup> Jornal A Província de São Paulo, nas edições de 20, 21 e 28 de setembro de 1882, todos na p. 03.

<sup>18</sup> Para uma noção aproximada (pois com os períodos de inflação não se pode ter um cálculo exato) do valor monetário deste período, foi utilizado o acervo do site do jornal Estadão como uma ferramenta para conversão do valor de referência, baseado apenas nos preços do jornal da época, sem considerar o poder de compra dos consumidores, por exemplo: em 20 de setembro de 1882, o valor do número avulso deste jornal era de Rs 60 (sessenta réis). O valor atual do jornal é de R\$ 5,00 (cinco reais). Dividindo 5 por 60, resulta em Rs 1 (um réis) = R\$ 0,08 (oito centavos de reais). No Collegio Santa Cecilia, o valor do curso primário por trimestre para interno era de Rs 75\$000 (setenta e cinco mil réis) multiplicado por 0,08, equivaleria, atualmente, a R\$ 6.000,00 (seis mil reais).

Figura 2. Divulgação do *Collegio Santa Cecilia* sob direção de Analia.

# COLLEGIO SANTA CECILIA

## PARA MENINAS

### Em S. Carlos do Pinhal

Este modesto estabelecimento de educação, fundado a 3 de julho do corrente, em um dos mais aprasiveis e saudaveis pontos da cidade de S. Carlos, oferece não só as condições desejaveis para a educação physica, moral e intellectual das suas alumnas, como tambem a maior modicidade possível nos preços, collocando-o ao alcance de todos aquelles que desejam ás suas filhas uma instrução solida e proficua educação.

O collegio divide-se em dois cursos : primario e secundario.

As materias do curso primario são : Leitura, calligraphia, grammatica portugueza, arithmetica, costura, tecidos de malha, crochet, bordado, tapeçaria.

O curso secundario abrange as materias seguintes :

Portuguez, francez, inglez, allemão, geographia, historia, desenho, piano e canto ; bordado a matiz, a ouro, flôres artificiaes, trabalhos de missangas e todas as obras de mero recreio.

Todas estas materias são leccionadas por professoras habilitadas e com longa pratica do magisterio.

As condições de admissão são :

Internos, curso primario	75\$000 por trimestre
Externos, " " "	25\$000 " "
Internos, curso secundario	93\$000 " "
Externos, " " "	50\$000 " "

Pelos ensinos de inglez, allemão historia e desenho pagar-se-ha mais 30\$ trimestalmente por cada alumna.

As pensões para internas serão pagas com um abatimento de 20 % desde que sejam duas.

Pela lavagem e engomado da roupa pagar-se-ha 12\$ por trimestre.

As férias do collegio, que segundo o programma estabelecido, deveriam ser em dezembro, ficam transferidas para março.

**Analia Emilia Franco,**  
**DIRECTORA.**

10 - 2

Fonte: Acervo digital do jornal O Estado de S. Paulo, de setembro de 1882.

<https://acervo.estadao.com.br/>

Nota-se neste anúncio o oferecimento da educação física, moral e intelectual, três princípios básicos da educação sempre defendidos por Analia, seguido do conteúdo curricular dos cursos, incluindo o ensino das habilidades manuais, e o ensino de línguas, história e desenho com acréscimo de valor. Oferece desconto para a pensão de duas internas e acréscimo de valor para lavagem e engomado de roupa. Por todas essas informações pode-se inferir que este colégio era destinado a um público de melhores condições econômicas e, portanto, Analia também teve experiência de trabalho em escolas particulares.

Na edição de 27 de fevereiro de 1883<sup>19</sup>, com o título "S. Carlos do Pinhal", encontra-se uma crítica elogiosa de uma nova peça dramática *O chefe dos Anambés*, escrita por Analia, diretora do Collegio Santa Cecilia, para ser apresentada pelas alunas deste colégio. O autor (desconhecido) deste texto relata a precocidade da vocação de

<sup>19</sup> Jornal A Província de São Paulo, p. 01.



Analia e seu grande conhecimento dos efeitos cênicos e que se espera, no palco, um “exito brilhante” na interpretação das alunas. Afirma ainda que, à primeira vista, o assunto parece extremamente simples, com lances dramáticos verdadeiramente interessantes e bem arquitetados, e os “caracteres têm alguns traçados com bastante relevo, outros pouco mais que bosquejados”, o que o autor considera um defeito “ligeiro”, que pode ser corrigido se “resolver-se confiar a peça á luz da publicidade” como ele pede e aconselha. Ele considera Analia como uma autora talentosa, pois já escreveu várias composições dramáticas que “têm sido lidas com geral applauso dos poucos que as conhecem”. E termina dissertando sobre a exposição dos autores dramaturgos às críticas e parabenizando “á estudiosa brasileira pela sua mimosa producção”.

Em outro jornal, o “Almanach Provincia de São Paulo”<sup>20</sup>, de 1885, informa sobre a cidade de São Carlos, SP, na qual Analia e sua mãe, Teresa Emilia Franco, constam como professora na lista do corpo docente do Collegio Santa Cecilia, abaixo das informações que esta escola, de instrução primária e secundária para meninas, foi fundada em 05 de julho de 1882, sob a direção da normalista D. Analia Emilia Franco, e na ocasião estava sendo construído um edifício próprio com a subscrição dos pais de alunas e algumas “pessoas generosas” (ou seja, de iniciativa particular), e que contava com um total de 35 alunas.

Posteriormente, ela leciona em Cotia, conforme é publicada, em 27 de maio de 1885<sup>21</sup>, a sua nomeação para reger a cadeira pública da “villa da Cotia”. E no dia 29 de maio de 1886<sup>22</sup> foi publicada a concessão de 3 meses de licença para “Analia Emilia Franco professora da Cotia” tratar de sua saúde. Em outro jornal<sup>23</sup>, de 12 de setembro de 1886, na seção “Noticiário”, com o título “Despachos da presidência”, há um extrato dos despachos proferidos pelo governo da província, da atribuição da Analia Emilia Franco como professora da 1ª cadeira de Cotia – como ela havia requerido.

E no ano seguinte, ela passa a lecionar em Taubaté, conforme a publicação<sup>24</sup> de 21 de agosto de 1887: “a sra. d. Analia Emilia Franco, professora de instrução primária da cadeira da villa da Cotia, passou a reger, por meio de permuta, uma das cadeiras da cidade de Taubaté”, e, além de ter informado a permuta, a qualidade de seu trabalho já era reconhecida, pois continua com um comentário elogioso, “A sra. d. Analia Franco é uma distinta professora, que, estamos certos, muitos e bons serviços prestará no magisterio, áquella importante cidade”. Três dias depois, no mesmo jornal<sup>25</sup>, na coluna “Requerimentos despachados”, é informado que foi impetrada a licença para as respectivas cadeiras, de Maria José de Toledo Aymberé, professora do Alto de São

<sup>20</sup> Almanach Provincia de São Paulo: Administrativo, Commercial e Industrial (SP), publicado de 1884 a 1888. Esta é a edição 003, ano 1884/1885, p. 490.

<sup>21</sup> Jornal Correio Paulistano (SP), edição 08628, p. 02.

<sup>22</sup> Jornal Correio Paulistano (SP), edição 08928, p. 02.

<sup>23</sup> Jornal A Provincia de São Paulo, p. 03.

<sup>24</sup> Jornal Correio Paulistano (SP), edição 09291, p. 02.

<sup>25</sup> Jornal Correio Paulistano (SP), edição 09293, 24 de agosto de 1887, p. 01.



José, em Taubaté, e Analia, professora da Cotia, como requerem. Essa mesma informação também é publicada no jornal “A Província de São Paulo”<sup>26</sup>, na seção “Atos Oficiais”. E na coluna “Offícios despachados”<sup>27</sup>, do dr. diretor da instrução, comunicando que Analia assumiu o exercício da cadeira do bairro de São José em 20 de outubro último.

O seu drama *O chefe dos anambés* também foi prestigiado na publicação do jornal “Echo das Damas”<sup>28</sup>, de 04 de janeiro de 1888, elogiando o talento e instrução de Analia, professora em “Taubaté”, cujo tema moral da obra é o amor sublime de mãe, e a “ilustrada escriptora Analia Franco, foi feliz, revelando-se com primor nas paginas desse seu drama...”.

Analia teria participado na preparação de uma festa religiosa na cidade de São Carlos, pois na edição de 29 de junho de 1893 do jornal “O Estado de S. Paulo”, p. 02, na coluna “Seção Livre”, com o título “São Carlos do Pinhal”, sobre as informações da solenidade do Mês Mariano naquela cidade, destacada como a festa religiosa mais popular dos São-Carlenses, descreve as atividades festivas e nomes dos participantes dos hinos, solos, sermões. E que o andor da Santa Virgem foi “caprichosamente preparado pela propecta professora d. Analia Franco”.

Em 1895 ela já estava de volta a São Paulo, como regente de escolas públicas do 2º distrito, na notícia sobre a inspeção das escolas públicas por autoridades, relatando que estas se agradaram da visita por causa do bom desempenho dos alunos, de acordo com o Correio Paulistano de 30 ago. 1895, na coluna “Telegrammas”, da primeira página, sob o título “Visitas escolares”, onde é informado que o sr. dr. Alfredo Pujol, secretário do interior, acompanhado dos inspetores literários da capital, havia visitado no dia anterior as escolas públicas do 2º distrito, regida por d. “Amalia” Emilia Franco, entre outros nomes de professores, e que nas duas primeiras escolas eles assistiram a exercícios sobre desenho geométrico, leitura, geografia, história natural, noções de química e física, ginástica, canto, etc., e que o dr. Secretário felicitou aos professores pela disciplina e aproveitamento que notou nos seus alunos.

Dois anos depois ela mudou de distrito, como consta no Almanak do Estado, do ano de 1897, p. 38, que Analia era professora do 8º distrito, no Largo do Arouche, 56. E, a partir da p. 35, apresenta-se as divisões distritais do Ensino Primário, segundo o decreto número 330 de 18 de janeiro de 1896<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> Em 24 de agosto de 1887, p. 01.

<sup>27</sup> Jornal Correio Paulistano (SP), edição 09328, 05 de outubro de 1887, p. 01. Nota-se que a data da publicação do jornal é anterior ao comunicado.

<sup>28</sup> Jornal Echo das Damas: Órgão dedicado aos interesses da Mulher (RJ) – 1879 a 1888. Edição 11, 04 janeiro de 1888, p. 02.

<sup>29</sup> Fica o Estado dividido em 40 distritos literários: 1º Sul da Sé, 2º Norte da Sé, 3º Sul da Sé, 4º Norte da Sé, 5º Sul da Sé, 7º Norte da Sé, 8º Consolação, 9º Consolação, 10º Consolação, 12º Santa Efigênia, 13º Santa Efigênia, 14º Santa Efigênia, 15º Brás, 16º Brás, 17º Brás, 18º Santa Efigênia, 19º Consolação, 20º Sul da Sé, 22º Consolação. E na sequência apresenta a divisão do 2º ao 40º distrito de todas as cidades do litoral e interior do Estado.

E desde então ela permaneceu nas escolas desta região (inclusive foi o bairro onde ela fundou a sede da AFBI), como noticiado no jornal O Estado de S. Paulo<sup>30</sup>, com o título “Festas escolares”, sobre a realização, naquela data, dos exames da escola feminina do largo do Arouche, com resultados “magníficos” e, nos intervalos, as alunas cantaram “formosos hinos da dedicada professora d. Analia Franco”.

Analia fazia parte da “Associação Beneficente do Professorado Público do Estado”, conforme a edição do dia 04 de fevereiro de 1902, na p. 02, informando que havia sido realizada, no dia 02 de fevereiro de 1902, a 14ª seção da direção desta sociedade em que Analia foi eleita mordoma para o mês de junho daquele ano.

Ela obteve uma licença de dois meses, publicada no jornal Correio Paulistano, de 16 abr. 1904, p. 02, na coluna “Nota”, em que o sr. Secretário do Interior e da justiça concedeu a Analia, professora do 8º distrito, dois meses de licença. E na edição de 22 de junho do mesmo ano, p. 04, na coluna “Secretaria da Camara Municipal”, expediente do dia 20 de junho, informa que foi comunicado à Secretaria do Interior que a professora da escola do oitavo distrito reassumiu o exercício no dia 18 do corrente, por ter terminado a licença que lhe havia sido concedida. Portanto mesmo dirigindo a AFBI e atuando em suas atividades, ela também trabalhava como professora municipal.

### **Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo - AFBI**

Aos 17 novembro de 1901 foi realizada a assembleia geral para aprovação dos estatutos da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, criada por Anália Franco, com sede na cidade de São Paulo, no Largo do Arouche, nºs 58 e 60, e, por meio desta, foram fundadas escolas maternais e elementares, asilos, creches, liceus, escolas noturnas e oficinas profissionalizantes, na capital paulista (grupos de escolas reunidas e escolas isoladas) e no interior, no Rio de Janeiro, além da Colônia Regeneradora e de grupos artísticos.

Todas estas instituições foram estabelecidas objetivando, acima de tudo, a prática do amor e ajuda ao próximo com o suprimento de alimento e instrução a todos sem distinções, de acordo com as regras de funcionamento da AFBI. Alguns extratos dos principais estatutos da Associação foram publicados no Diário Oficial<sup>31</sup>, órgão de imprensa do governo que divulga as decisões e comunicados oficiais, e que são reproduzidos a seguir:

- Artigo 1º, sobre a localização da sede (na capital do Estado de S. Paulo), o número indeterminado de sócias, sem distinção de nacionalidades e seitas, e residentes na cidade;
- Artigo 3º, das finalidades da Associação que seriam, principalmente, distribuir o pão, a educação e o amor, abrangendo todos os credos e classes sociais e,

<sup>30</sup> de 07 de dezembro de 1900, p. 02, na seção “Notícias Diversas”.

<sup>31</sup> Arquivo digital do site da Imprensa Oficial, do dia 27 de janeiro de 1903, p. 218, na seção “Publicações Particulares”.

no parágrafo 2º, sobre aulas no modelo francês<sup>32</sup> às crianças de 2 a 7 anos de ambos os sexos, para o seu desenvolvimento físico, moral e intelectual;

- Artigo 6º, trata da composição administrativa da associação, que seria de oito senhoras (nota-se que é permitido apenas às mulheres a participação nos cargos oficiais) eleitas anualmente, para os cargos de presidente, vice-presidente, 1ª e 2ª secretárias, 1ª e 2ª tesoureiras e duas auxiliares;
- e o Artigo 29 estabelece que as associadas não respondem subsidiariamente pelas obrigações contraídas em nome da sociedade ou representantes, sendo estas satisfeitas pelos bens sociais.

De acordo com os registros encontrados, foram mais de 40 instituições educacionais criadas e dirigidas por Analia, na capital e no interior, por meio da AFBI, em parceria com vários segmentos da sociedade, inclusive da maçonaria, dos governos municipais e estaduais, de entidades beneméritas e muitos outros voluntários, como está especificado no capítulo 4 deste trabalho.

### Grupo Dramático e Musical

Com o objetivo de angariar recursos para a subsistência dos estabelecimentos filantrópicos educacionais fundada pela Associação, Analia criou grupos artísticos, como o Grupo Dramático-Musical do Asilo e Creche da AFBI, grupos teatrais, orquestras e a Banda Musical Feminina “Regente Feijó” da Colônia Regeneradora “D. Romualdo”, sendo que a maioria das peças representadas era escrita pela própria Analia. Estes grupos musicais e dramáticos compostos pelos(as) alunos(as) (predominância feminina) das escolas da AFBI percorreram todo o Estado de São Paulo e Estados vizinhos, cujas apresentações artísticas eram, além de uma programação cultural e artística na cidade, também aconteciam por ocasião dos exames finais, pois estes eram um evento festivo e de exibição dos talentos e habilidades para as artes.

Por ordem de publicação no jornal “O Estado de S. Paulo”, a seguir há uma relação das notícias das atividades deste grupo, cujas exibições compreendem desde o final do ano de 1910 até abril de 1917, com apresentações nas seguintes cidades, entre a capital, interior do Estado de São Paulo e interior do Estado de Minas Gerais: São Paulo, Santos, São Vicente, Jundiáí, Dourado, Itápolis, Ribeirão Bonito, Guaranésia (MG), São José do Rio Pardo e Ribeirão Preto, sendo que em algumas delas houve mais de uma apresentação em diferentes ocasiões, e em todas é relatado que os espetáculos eram calorosamente aplaudidos pela excelência no desempenho dos participantes.

- São Paulo<sup>33</sup> - o Asilo e Creche D. Genebra Barros, localizado na rua dos Estudantes, 76, realizou no dia 25 de dezembro de 1910, ao meio dia, a festa do encerramento das aulas,

<sup>32</sup> No processo da revolução francesa surgiu a proposta de educação pública, gratuita, laica, universal e obrigatória, e o direito de toda criança ser adequadamente preparada para a vida (MELO, 2011).

<sup>33</sup> 27 dez. 1910, p. 06.

com grande concorrência, tendo a seguinte programação: parte 1 – Ouverture, Valsa, “Supplication”, pela orquestra do Asilo (com os nomes das alunas); parte 2 - a comédia “O presunçoso”, em 1 ato (com os nomes dos personagens e atores); parte 3 – uma polca “Che Ridere”, pela mesma orquestra; parte 4 – o intermezzo “Meninas senhoras”, escrito por Analia e com a citação dos nomes de todos os personagens e atores; parte 5 – mazurca “Dhalma”, pela orquestra novamente; parte 6 - o drama “A neta vaidosa”, em dois atos, escrito por Analia (com os nomes dos personagens e atores); parte 7 – a orquestra apresenta “Em família”; e parte 8 – a peça “As três virtudes”, escrita por Analia, com o nome das alunas que representaram a Esperança, a Caridade, a Fé, e as Enjeitadas.

- Santos e São Vicente<sup>34</sup> – são listados todos os nomes das alunas e senhoritas do grupo dramático e musical, do diretor, Sr. Professor E. Bourdot, e dos instrumentos musicais do grupo (requinta, clarinetes, pistões, trompas, trombones, bombardino, baixos, caixa, pratos, bumbos, violinos, violoncelo, contrabaixo, flauta, clarinete, pistão, trombone e bateria). Informou que o primeiro espetáculo seria “no theatrinho do Real Centro Portuguez com o drama ‘A Feiticeira’”.
- Santos<sup>35</sup> – No dia 08, às 14h00, no Teatro Guarany, seria realizado o terceiro festival com o seguinte programa: 1ª parte: a banda musical feminina Regente Feijó da Colônia Regeneradora D. Romualdo executaria diversas peças do seu repertório, sob a regência do maestro E. Bourdot, e na 2ª parte, o hino nacional e o hino da independência. Na 3ª parte seria apresentado o drama “A Feiticeira”, escrito por Analia, em 3 atos, informando os nomes dos atores e seus papéis.
- Santos<sup>36</sup> - seria realizado no domingo seguinte, dia 21, a programação: 1ª parte – a banda musical feminina Regente Feijó da Colônia Regeneradora D. Romualdo executaria diversas peças do seu repertório, sob a regência do maestro E. Bourdot. 2ª parte – o drama “A rainha cigana”, em 3 atos, escrito por Analia, e a comédia “Uma experiência”, em 1 ato.
- Jundiaí<sup>37</sup> - festival no teatro Polytheama pelo grupo dramático do Asilo e Creche D. Analia Franco, com a representação do drama em 3 atos “A feiticeira”, e que ao finalizar “uma ovação uníssona se fez ouvir na vasta sala”. A comédia “Choro ou rio?”, que “trouxe a plateia presa a riso interminável”. O grupo musical do asilo se apresentou nos intervalos “merecendo farto aplausos”. A notícia diz que esse mesmo grupo havia executado

<sup>34</sup> 17 ago. 1913, p. 06, na coluna “Notícias do interior e litoral do Estado” - pelo telégrafo e pelo telefone, da cidade de Santos, dia 16.

<sup>35</sup> 07 set. 1913, p. 08, “Notícias do interior e litoral do Estado” (pelo telégrafo e pelo telefone), da cidade de Santos, dia 06.

<sup>36</sup> 19 set. 1913, p. 04, coluna “Notícias do interior e litoral do Estado” - pelo telégrafo e pelo telefone, da cidade de Santos, dia 18.

<sup>37</sup> 05 nov. 1913, p. 07, seção “Notícias do Interior”.

algumas peças musicais no jardim público naquela tarde e que, apesar da “ingratidão do tempo então reinante a assistência coroou de palmas as pequenas musicistas e ao seu dedicado professor sr. E. Bourdot”. Ao final foi informado que Analia permaneceria em Jundiaí durante a semana, pois pretendia dar um novo festival no domingo seguinte e instalar, em breve, o asilo e creche em Jundiaí, pois já havia alugado um bom prédio à rua Rangel Pestana. 25 de novembro de 1913, o grupo dramático feminino da colônia regeneradora D. Romualdo daria mais um espetáculo em Jundiaí, atendendo a insistentes pedidos.

- São Vicente<sup>38</sup> – Por ocasião da inauguração do Asilo e Creche, realizou-se as festividades no Rink Vicentino, no dia 04, pelas crianças do asilo, com a seguinte programação em cinco partes: 1ª parte – Ouverture, Saudação a Deus, soneto “A Caridade”, Saudação aos Vicentinos, poesia “A Órfã” e “O Som do Clarim”; 2ª parte – comédia “A Creche”, poesia “A Enjeitada”, diálogo “A Pátria”, comédia “As Vogais”, diálogo “As Três Gotas” e “Entre Flores”, canto “O Xiribiribi”; 3ª parte – comédia “A Semana”, comédia “A Caipira”, canções “As Barquinhas”, “Missa do Galo” (e uma terceira canção com o nome ilegível); 5ª parte, comédia “Amor aos netos”, terminando com o hino Regente Feijó, letra de Analia Franco e música de E. Bourdot, pela banda Feminina Regente Feijó.
- São Vicente<sup>39</sup> - quermesse às 16h00 com seis barracas artísticas: Imprensa, Comércio, Indústria, Instrução, Lavoura e Arte. Apresentação da Banda Feminina Regente Feijó. Às 20h00 realizou-se uma sessão solene na sede do Asilo, com discurso pelo Dr. Galeão Carvalho Filho sobre “a philanthropica obra que se inaugurou sem S. Vicente, fallando sobre a caridade que há tempos vem sendo propagada pela sra. d. Analia Franco”. Após a sessão, a quermesse “se prolongou até alta noite”.
- Jundiaí<sup>40</sup> – no dia 15, no teatro Polytheama, o grupo dramático da AFBI levaria à cena o drama “A Feiticeira” e a comédia “Choro ou rio?”, em benefício das órfãs do asilo e creche daquela cidade; sobre a apresentação da banda musical da AFBI no jardim público, “um agradável concerto, que foi muito aplaudido, indo depois abrilhantar a sessão cinematographica no Polytheama, onde foi igualmente merecedora de applausos”.
- Dourado<sup>41</sup> - sobre a chegada, no dia 11, do Grupo Dramático e Musical da AFBI, e que, ao chegar à estação local, “a banda de musica feminina regida pela alumna senhorita Nathalia Novellino executou algumas peças do seu apreciado repertorio, as quaes agradaram muito”. Este grupo já havia dado três espetáculos naquela cidade e que foi um verdadeiro sucesso. É destacada a alumna Maria de Lourdes, de apenas sete anos de

<sup>38</sup> 05 abr. 1914, p. 02, na coluna “Notícias do interior e do litoral do Estado” - pelo telefone e pelo telégrafo, da cidade de Santos, dia 04.

<sup>39</sup> 07 abr. 1914, p. 04, na coluna “Notícias do interior e do litoral do Estado” (pelo telefone e pelo telégrafo).

<sup>40</sup> 17 jan. 1915, p. 06, na coluna “Notícias do interior e do litoral do Estado” - pelo telégrafo e pelo telefone.

<sup>41</sup> 21 abr. 1916, p. 06, na coluna “Notícias do interior e do litoral do Estado” - pelo telégrafo e pelo telefone.



idade, que ganhou uma medalha de ouro em Bariri por um grupo de rapazes amadores, e que “tem sido vibrantemente aplaudida, mórmente na cançoneta ‘O Arara’, que diz com muita graça e naturalidade”. A nota informa, no final, que a cidade concorreu em massa para apreciar esse trabalho “das inteligentes alumnas do grupo, auxiliando assim tão útil instituição”.

20

- Itápolis, edição de 01 de maio de 1916, p. 07 – o grupo dramático e banda musical compostos de órfãos do asilo de Analia havia chegado a Itápolis, vindo de Dourado, e que foram recebidos, na gare da Douradense, onde desembarcaram, com grande massa do povo e pela corporação “Victor Manuel III”. E esse mesmo grupo se apresentaria no “Odeon” com o drama “A Feiticeira”. E que a empresa do circo de touros, de propriedade dos srs. Ribas & Comp., realizaria no domingo seguinte uma corrida em benefício dos órfãos do asilo dirigido por Analia.
- Ribeirão Bonito<sup>42</sup>– informa que o grupo dramático “Analia Franco”, composto de 30 senhoritas e de uma banda e orquestra femininas, percorreu o interior do Estado angariando donativos para o asilo que possuía cerca de 400 órfãos, e que no sábado seguinte o grupo estrearia no salão do “Electro Cinema”.
- Guaranésia<sup>43</sup> - esteve por 15 dias nesta cidade, dando uma série de espetáculos com sucesso, o Grupo Dramático e Musical da AFBI, dirigido pela educadora Analia Franco. A edição de 25 de fevereiro de 1917, avisou que o Grupo Dramático e Musical da Associação Feminina Beneficente “Anália Franco” seguiu para a cidade vizinha de São José do Rio Pardo após duas séries de espetáculos de grande sucesso na cidade de Guaranésia.
- Ribeirão Preto, 30 de abril de 1917 - no domingo, dia 29, “a ‘troupe’ musical e dramática Analia Franco dará mais um espetáculo no teatro Carlos Gomes”.

Nas informações noticiadas em O Estado de São Paulo referentes às atuações musicais e artísticas dos educandos das escolas da AFBI, há uma variedade de termos usados para nominar esses grupos de arte como, por exemplo, banda e orquestra femininas, orquestra do Asilo, orquestra da Colônia Regeneradora D. Romualdo, orquestra feminina da Colônia Regeneradora D. Romualdo, banda de música feminina, banda feminina Regente Feijó, banda musical feminina Regente Feijó da Colônia Regeneradora D. Romualdo, banda musical da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, grupo dramático e musical, grupo dramático feminino da colônia regeneradora D. Romualdo, Grupo Dramático e Musical da Associação Feminina

<sup>42</sup> 01 jul. 1916, p. 04, coluna “Notícias do interior e litoral do Estado” - pelo telégrafo e pelo telefone, da cidade de Ribeirão Bonito, do dia 29.

<sup>43</sup> 11 jan. 1917, p. 03.

Beneficente e Instrutiva, Grupo Dramático e Musical da Associação Feminina Beneficente “Anália Franco”, Grupo “Analia Franco”, grupo dramático “Analia Franco”, Trupe Analia Franco e trupe musical e dramática Analia Franco.

Quanto aos conteúdos musicais apresentados, nota-se uma multiplicidade de gênero, entre eles, valsa, ouverture, polca, intermezzo, mazurca, canto, canção e hino. E com relação às apresentações dramáticas, incluem comédias (“O presunçoso”, “Uma experiência”, “Choro ou rio?”, “A Creche”, “As Vogais”, “A Semana”, “A Caipira”, “Amor aos netos”), dramas (“A neta vaidosa”, “A Feiticeira”, “A rainha cigana”), peça (“As três virtudes”), soneto (“A Caridade”), poesias (“A Órfã”, “O Som do Clarim”, “A Enjeitada”), diálogos (“A Pátria”, “As Três Gotas”, “Entre Flores”), canto (“O Xiribiribi”) e canções (“As Barquinhas”, “Missa do Galo”). Conforme informado nas notícias, muitas das obras interpretadas, tanto musicais quanto dramáticas, são de autoria de Analia.

No jornal “Correio Paulistano”, segundo registros entre os anos de 1913 a 1918, uma grande turnê foi realizada por bastantes cidades do interior de São Paulo e de Minas Gerais, totalizando 26 municípios, em alguns deles houve retorno e determinados espetáculos aconteciam em um único dia ou até durante 2 meses no mesmo município, com apresentações não só em benefício das escolas da AFBI, mas também de variadas associações de caridade e de outros seguimentos da sociedade. As informações são apresentadas a seguir em ordem cronológica.

- Santos - 03 out. 1913, os asilados estiveram em Santos para uma série de espetáculos em benefício de diversas associações de caridade e regressaram naquele dia para a capital no trem das 12h10 da tarde.
- Santo Amaro - 26 out. 1913, havia chegado naquele dia, às 13h, em bonde especial cedido pela “Light”, o corpo dramático, banda de música, orquestra e diretoria da AFBI. Às 13h30 a orquestra do Asilo tocou num baile infantil do grupo escolar, às 16h00 a banda feminina tocou na praça Floriano Peixoto, às 20h00 aconteceu uma apresentação teatral de drama e comédia.
- Bragança - 06 nov. 1913, o Grupo Dramático Musical do Asilo e Creche da AFBI daria um concerto, à tarde, no largo da Matriz e, à noite, no Central Theatre, apresentando o drama educativo “A Feiticeira”, em benefício dos Asilos e Creches e da Colonia Regeneradora D. Romualdo.
- Barretos - 07 jan. 1914, acompanhada do sr. Francisco Antonio Bastos e de 40 meninas, Analia seguiu para Taiuva para apresentação de espetáculos dramáticos e concertos musicais, depois de dar 3 espetáculos em Barretos e ter organizado uma comissão, cujo presidente foi o prefeito da cidade, para a fundação de um Asilo e Creche.

- Jaú - 05 mar. 1914, a “troupe” dramática e a banda de música deu 2 espetáculos, com dramas de fundo moral e instrutivo, e a banda tocou no jardim público com enorme assistência.
- Brotas - 16 mar. 1914, espetáculos realizados no Cinema Popular pela troupe feminina os quais têm sido um “verdadeiro sucesso”. No segundo espetáculo realizado na segunda-feira, o drama “A Rainha Cigana”, de Analia, o público chegou a 800 pessoas, esgotando os ingressos por falta de lugares. O terceiro espetáculo “A Filha Ingrata” (também de autoria de Analia), na quarta-feira, foi em benefício da pobreza de Brotas. Apresentou-se a banda feminina “Regente Feijó”, e informa ainda que a AFBI pretendia fundar naquela cidade um Asilo e Creche.
- Rio Claro - 21 mar. 1914, a troupe de educandas do Asilo de Analia havia estreado dois dias antes no Cinema Parque, e naquele dia apresentaria a cena “Rio ou Choro”, com a orquestra tocando entre os atos.
- Pederneiras - 22 out. 1914, o grupo dramático do Asilo e Creche havia realizado dois “esplendidos espectáculos” no Ideal Cinema no sábado e no domingo, com a orquestra “Regente Feijó”. Em 14 fev. 1916, informa a chegada, de Torrinhã, o grupo dramático com grande massa popular, juntamente com a banda da cidade, aguardando na estação de trem. Em 16 fev. 1916, o grupo dramático realizou um espetáculo naquele dia no Ideal Cinema, com a comédia-drama “As duas collegiaes”, de Analia. E em 17 fev. 1916, mais um espetáculo naquele dia.
- Torrinhã - 18 nov. 1914, a corporação musical feminina “Regente Feijó” apresentou três espetáculos com dramas, comédias e canções e seguiu para Rio Claro.
- Jundiá - 16 jan. 1915, a banda musical feminina se apresentou no dia anterior, às 17 horas, no coreto do jardim público, depois no Polytheama, em benefício da Creche Asilo Analia Franco, de Jundiá.
- São Pedro - 04 mai. 1915, os grupos dramático e musical estiveram naquela cidade e realizaram diversos espetáculos e concertos muito concorridos.
- Capivari - 27 mai. 1915, a companhia dramática das moças que trabalhavam pelas creches dirigidas por Analia apresentaram espetáculos no Iris Theatre que tinham sido grandemente concorridos.
- São Pedro - 05 jun. 1915, o grupo dramático e musical “Diogo Feijó” (erraram o nome) havia realizado novamente naquela cidade concertos e espetáculos.

- Mineiros - 26 fev. 1916, sobre a estreia do grupo dramático musical do Asilo e Creche D. Analia Franco, com um drama, uma cançoneta e uma comédia.
- Itápolis - 01 mai. 1916, relata a chegada, vindo de Dourado, do grupo cênico e a banda “Regente Feijó”, recepcionados por uma banda e massa popular de 1.500 pessoas, e que se apresentariam naquela noite com a representação do drama “A Feiticeira”. E que o circo de touros ofereceria à AFBI o produto da corrida do domingo próximo. 08 mai. 1916 é informado que foi realizado no Odeon, no dia 27, o espetáculo de estreia do grupo dramático com o drama “A Feiticeira” pelas moças da AFBI, “tendo a numerosa assistência prodigalizado farto applausos, chamando-as varias vezes ao palco”, e que o circo de touro da empresa Ribas e Comp., realizou no domingo anterior uma corrida em benefício das órfãs do Asilo de Analia. 09 mai. 1916 noticia que o grupo dramático apresentaria naquele dia, no Odeon, o drama “Os dois collegiaes”, e, com a representação do dia seguinte, o grupo faria sua despedida do público itapolitano. De volta à Itápolis no ano seguinte, a edição de 10 dez. 1917 informa que o grupo dramático, pertencente à associação beneficente de d. Analia Franco, secção de Dourado, despediu-se com seu último espetáculo de domingo, que receberam fartos applausos.
- Ibitinga - 19 mai. 1916, o grupo dramático musical havia chegado na última quinta-feira, vindo de Itápolis, junto com Francisco A. Bastos e Analia Franco Bastos, recepcionados por uma banda e grande massa popular. E no sábado o grupo estreou no Theatro Rio Branco com uma poesia, execução do hino nacional pela banda “Regente Feijó”, apresentação de “A Feiticeira”, uma cançoneta e da comédia “Rio ou choro?”. Houve outro espetáculo no dia anterior, com apresentação da banda e do corpo cênico.
- Ribeirão Bonito - 09 jul. 1916, vindo da cidade de Dourado, o grupo dramático musical estava naquela cidade desde o dia 28, onde realizou dois espetáculos no sábado e domingo, e estavam anunciados mais três para o dia seguinte, sábado e domingo.
- Poços de Caldas - 25 set. 1916, o grupo dramático musical chegou no dia anterior, onde faria alguns espetáculos. 06 out. 1916, o grupo seguiu de Poços de Caldas para S. João da Boa Vista no trem misto das 13 horas.
- Mococa - 21 nov. 1916, o grupo tinha se apresentado no Theatro Variedades.
- Ribeirão Preto – nesta cidade houve várias apresentações, permanecendo por 02 meses: 28 abr. 1917, o grupo composto de 37 educandas chegou no dia anterior e realizaria uma série de espetáculos no Theatro Carlos Gomes. 29 abr. 1917, o grupo se apresentou no teatro Carlos Gomes, representando várias comédias, e em dois dias haveria novo espetáculo. 13 mai. 1917, espetáculo no dia anterior, no teatro Carlos Gomes, com execução de várias peças da corporação musical “Regente Feijó” e representação das

peças “Uma culpa” e “Do prato á bocca”. 15 mai. 1917, o grupo dramático e a banda realizaram naquele dia, no teatro Carlos Gomes, um novo espetáculo. 21 mai. 1917, às 20h30 daquele dia, no teatro Carlos Gomes, representação de comédias e um ato de variedades. 26 mai. 1917, o grupo se apresentou naquele dia, às 21h00, no teatro Carlos Gomes, um espetáculo de gala em homenagem ao aniversário da batalha de Tuiuti. E 26 jun. 1917, o grupo participou das festas promovidas pela Sociedade de Beneficência Portuguesa, às 14 horas, representando a comédia “Os crianças” e a opereta “Festa na aldeia”.

- Igarapava - 01 nov. 1917, realizou-se, no dia anterior, no Paris Theatre, um espetáculo do grupo que estava fazendo uma turnê. E 03 nov. 1917 informa que o espetáculo realizado dia 29 foi de despedida reverteu o produto em benefício da Santa Casa (a ajuda também era destinada a outras instituições).
- Araguari - 06 dez. 1917, a solenidade, no dia anterior, da instalação desta comarca, no prédio estadual, o grupo dramático se apresentou depois dos discursos e à noite houve um espetáculo deste grupo no teatro Eden-Cinema.
- Cajuru - 29 mar. 1918, o grupo estreou no dia anterior, no Eden Cinema, um drama e uma comédia, intercalada pela execução da orquestra deste grupo, e pretendia dar mais alguns espetáculos naquela cidade. E 04 abr. 1917 que a renda desse espetáculo foi oferecida por Analia ao tiro de guerra 497.
- Tambaú - 29 abr. 1917, depois de ter realizado uma série de espetáculos naquela cidade, o grupo foi para Casa Branca.
- Igarapava - 20 ago. 1918, durante alguns dias o “grupo infantil” fez apresentações teatrais e da orquestra, retirando-se naquele dia para Orlândia.
- Santa Rita do Passa Quatro - 10 out. 1918, o grupo dramático Analia Franco “tem feito grande sucesso no teatro Variedades”, acompanhado da corporação musical feminina.

Este grupo artístico, formado basicamente por alunas das escolas da Associação, era composto de corpo dramático, o qual representava dramas e comédias (a maioria delas compostas por Analia), banda de música e orquestra (chamada de “Regente Feijó), que se apresentava em bailes infantis, teatros, praças e cinemas, em algumas ocasiões foi citada o acompanhamento por Analia e Antonio Bastos, e, como foi descrito acima na maioria das notícias, eram recebidos com grande audiência e expectativa e os comentários críticos eram muito elogiosos, denotando a “fama” que o grupo foi adquirindo e que essas performances se tornaram um grande evento.



## Colônia Regeneradora Dom Romualdo

Até o final de seus dias, Analia viveu em uma chácara chamada Colônia Regeneradora Romualdo de Seixas que ela adquiriu em 1911. Alguns jornais relataram, ou melhor, denunciaram a situação precária do lugar e a condição miserável das crianças após o falecimento dela, revelando a grande dificuldade que os sucessores tiveram de manter este abrigo, um problema econômico agravado pela conjuntura da pós Primeira Guerra e pela pandemia da gripe espanhola. O material pesquisado para essas notícias foi em site, revista, livro e nos jornais O Correio Paulistano (SP), A Época (RJ) e o Estado de S. Paulo (SP) das épocas do contexto e a atual.

Um pouco sobre a história deste lugar e como ela adquiriu o imóvel, o historiador Pedro Abarca (1994), em seu livro “Tatuapé: Uma história fascinante”, relata, nas p. 32 e 33, que o padre Antonio Diogo Feijó (Regente Feijó) adquire, em 1829, o Sítio Capão Grande, de João Mariano Bueno, e muda seu nome para Chácara Paraíso. Esta escritura foi lavrada pelo tabelião Francisco José Barbosa, em 02/11/1829. De 1845 a 1903 a Chácara Paraíso passa pelas mãos de diversas pessoas até que a AFBI adquire a propriedade, um terreno de 75 alqueires (1.800.000 metros quadrados). Na p. 40 é descrito o casarão construído por Regente Feijó: na parte superior apenas o quarto e a parte inferior do vestíbulo é composta de capela, saleta de acesso ao piso superior, sala de jantar e cozinha, e as senzalas. Nas p. 42 a 46, o autor traz uma biografia de Analia extraída do livro de Eduardo Monteiro (1992) e do então presidente da AFBI, sr. Hugo Paulo Braga, e, na p. 44, informa que a compra da Chácara Paraíso foi efetuada em 1911, do proprietário, o Cel. Serafim Leme da Silva, e a escritura da propriedade foi registrada no dia 18 de fevereiro de 1911, no 2º Tabelionato da titular Clara Liberato de Macedo, e que foi mudado o nome para Colônia Regeneradora Romualdo de Seixas, homenagem a um bispo baiano. O autor afirma, ainda, que as duas alas longas de senzala e estrebarias foram readaptadas para alojar mais de 400 abrigados, e que a entidade manteve as instalações no casarão até 1930, depois foi construída, a uns cem metros à frente, com um projeto do eng. Ramos de Azevedo, uma “magnífica” sede que ficou pronta quatro anos depois.

Com a crise na economia arruinada pela pós Primeira Guerra Mundial e pela devastadora mortalidade epidêmica da gripe espanhola que assolou o mundo, houve um forte impacto social e as associações de beneficência, que dependiam da ajuda do governo e humanitária, sofreram uma grande privação com a recessão e a escassez. Logo após o falecimento de Analia, um texto publicado no Correio Paulistano, do dia 07 jun. 1919, mostra um quadro geral da situação deplorável que se encontrava a Colônia, que contou com a ajuda até da Cruz Vermelha. Sob o título “A Colônia Regeneradora oferece um quadro contrastador” informando que abriga cerca de 180 menores e mais de 40 doentes (o mal que causou a morte de Analia, a gripe espanhola), e a presidente da Cruz Vermelha Brasileira, em visita àquele lugar, ficou comovida com o “quadro desolador”, e forneceu roupa, cobertores e camas, entre outras pessoas citadas que também fizeram doações, inclusive de condução para o local que é situado na 5ª parada

e fica distante do bonde. É informado que a dra. Maria Renotte (amiga de Analia) visitava diariamente os doentes, além da enfermeira da Cruz vermelha e o Serviço Sanitário, com oferecimento de medicamentos. E, ainda, que a Associação possuía uma grande dívida e “no Asylo falta tudo e, nesta ocasião, em que precisa leite, caldo, ovos, pão, biscoitos, fortificantes, etc., mal póde arranjar o feijão para o alimento indispensável”. Além da falta de comida, o local também não possuía energia elétrica, pois a diretoria pedia à Companhia Light and Power para levar luz elétrica até o local, visto que a iluminação à querosene é perigosa e insuficiente.

Até a autoridade pública acaba intervindo nesta questão, como relata o jornal A Epoca, de 13 jun. 1919, sobre um telegrama expedido pelo diretor do Serviço de Povoamento, determinado pelo ministro da Agricultura, dr. Padua Salles, expedido à Associação Feminina, para encaminhar 30 menores (e não 180), que se sabe estar em “extrema miséria”, aos internatos nos patronatos agrícolas, conforme suas idades.

29 de junho de 1919, p. 06, com o título “Coisas da cidade” – “Um asilo necessitado”, há uma coluna assinada por “P.” relata a situação em que se encontra a Colônia Regeneradora de Analia. Inicia narrando que crianças pobres, de aspecto triste, pediam esmolas nas mesas dos cafés do triângulo<sup>44</sup>, repetindo a frase: “Uma esmola para as crianças do Asylo Analia Franco! Uma esmola, por caridade!” E que um dos redatores do “Estado” foi procurar o Asilo para ver como viviam aquelas crianças, referindo, posteriormente nestas colunas, que foi “espantoso e horrível”: 183 crianças na mais completa miséria, numa chácara enorme, na 5ª Parada<sup>45</sup>, que estava tão abandonada “que não contava com uma só galinha”, quase sem o que comer, só com a roupa do corpo, dormindo em quartos sem higiene, “a mais desoladora falta de recursos”. O texto continua informando que um grupo de senhoras muito devotadas havia assumido a direção do Asilo contando com, além de seus esforços, a ajuda do público, pois as dívidas já orçavam em 120 contos e os donativos eram fraquíssimos. Havia também a ajuda do grupo dramático das meninas asiladas que dava espetáculos pelas cidades do interior. E, logo no dia seguinte a essa publicação, surgiram donativos que, até o momento, somavam 18 contos arrecadados no escritório do “Estado”, mas que, sendo ainda muito pouco, o autor, dialogando diretamente com o leitor, pede todo o tipo de ajuda aos ricos.

A respeito da situação atual deste lugar, há algumas fontes de informação, por exemplo, na edição de 22 de maio de 1995, p. 19, do jornal O Estado de S. Paulo, com o título “Prefeitura quer parceiros para recuperar sítio – Área de 100 mil metros, na Zona

<sup>44</sup> É chamado de triângulo histórico o caminho das 3 principais ruas do centro de São Paulo, São Bento, que liga o mosteiro de São Bento à Igreja de São Francisco, a 15 de novembro, que se paralela à Boa Vista e o Pátio do Colégio para se encontrar na antiga Igreja da Sé com a rua Direita, no caminho do Viaduto do Chá e Capela do Santo Antônio de Paduá. Disponível em:

<http://conhecasp.blogspot.com/2009/09/triangulo-historico.html>. Acesso em: 09 dez. 2018.

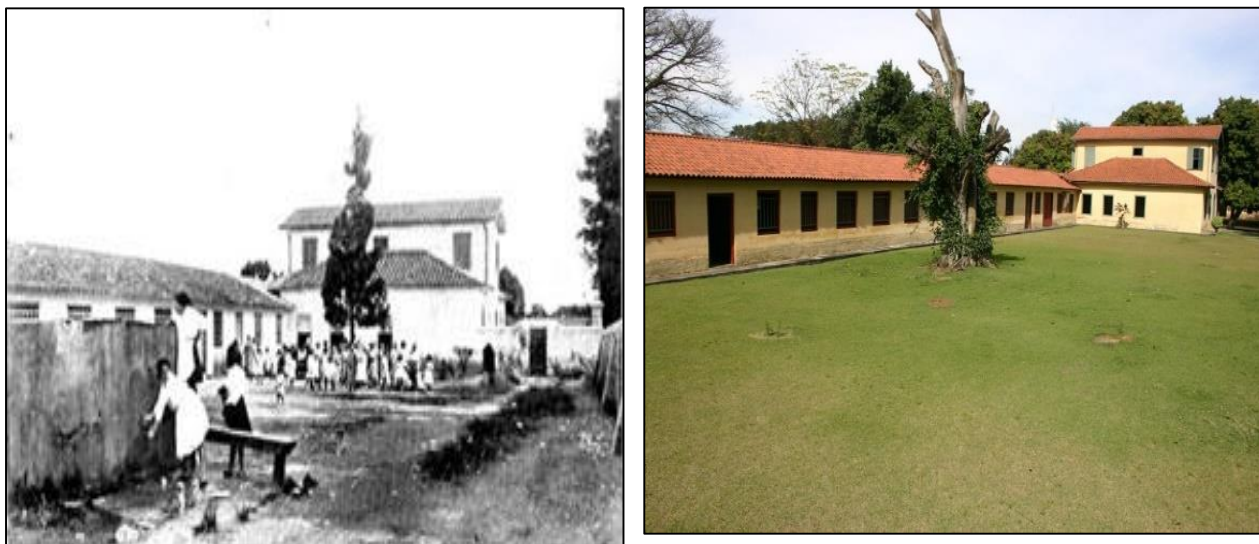
<sup>45</sup> A estação Tatuapé foi inaugurada em 5/11/1981, substituindo a estação Clemente Falcão (*Revista Ferrovia*, nº 81, de 1981), que por sua vez era aproximadamente onde estava a *Quinta Parada* da antiga *Central do Brasil*. Fica no mesmo prédio da estação Tatuapé do metrô. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/t/tatuape.htm>. Acesso em: 09 dez. 2018.

Leste, pertenceu ao Regente Feijó e abriga casa de 1629 e senzala”, informa que esta área particular, da AFBI, foi declarada de utilidade pública pela prefeitura e o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) afirmou que uma construtora se interessou pela restauração, e que, no outro conjunto de prédios, a prefeitura faria uma universidade municipal. Há uma declaração do então diretor da AFBI, Hugo Paulo Braga, de que há muitos problemas de invasão nessa área e há muita deterioração do imóvel (infiltrações, madeiras podres, calhas caídas) e se queixa da falta de uma decisão da Prefeitura.

Outra edição, de 20 de dezembro de 2006, p. 50, do jornal O Estado de S. Paulo, com o título “Casa do Regente Feijó resiste na Zona Leste – Remanescente das casas de barro pode virar museu em São Paulo”, informa que a casa de taipa-de-pilão é uma construção tombada pelo patrimônio histórico municipal e estadual, e onde fazia parte o campus da Universidade Cruzeiro do Sul. Foi restaurada dois anos antes e esperava-se a instalação de um museu sobre a história de Feijó, e que a construção histórica é particular (grupo de empresários da região que construiu e inventou o bairro Jardim Anália Franco) e não estava aberta à visitação. A seguir, depois de uma breve explicação da transição da propriedade de Feijó para a AFBI, informa que não havia acesso à casa pela rua, por causa de um bosque no terreno municipal do outro lado da rua. A partir de então, a matéria descreve os cômodos restaurados pelo arquiteto Samuel Kruchin, que assumiu o projeto de restauração em 2002, com paredes de pau-a-pique e uma das portas com 30 camadas de tinta. Ao final, há um pedido do pesquisador de história de São Paulo, o sociólogo José de Souza Martins, de que a construção fosse um museu para Feijó.

A revista eletrônica, [revistadotatuape.com.br](http://revistadotatuape.com.br), em uma matéria do dia 07 de fevereiro de 2017, com o título “Joia histórica”, é relatada a história sobre a propriedade tombada pelo CONDEPHAAT e pelo CONPRESP, citando o historiador Pedro Abarca, que estudou sobre o pertencimento daquelas terras à Feijó, entre outros, até chegar à AFBI e as atividades que eram desenvolvidas na Colônia Regeneradora D. Romualdo Seixas. É citada também a pesquisadora Eliane de Christo Oliveira (cuja dissertação é mencionada nas Referências Bibliográficas deste trabalho) que traz os seguintes números, em 1912: a Colônia Regeneradora mantinha 167 asilados (68 do sexo masculino e 99 do sexo feminino), sendo 63 maiores de 14 anos e 104 menores, 166 brasileiros e 1 estrangeiro, chegando a ter cerca de 400 abrigados no local. E depois da morte de Anália, as atividades da instituição continuaram funcionando naquele imóvel e, no começo da década de 1930, foi inaugurado o novo prédio, em frente, a Unicsul e que a Associação ficou lá até a década de 1990, quando foi transferida para Itapetininga. Esta página apresenta algumas fotos antigas e de como se encontra atualmente a construção, como são mostradas nas figuras 3 e 4.

**Figura 3.** Crianças e adultos no pátio da Colônia Regeneradora entre 1912-1918 e foto atual.



28

Fonte: Revista do Tatuapé. <http://revistadotatuape.com.br/2017/02/07/joia-historica/>

**Figura 4.** Anexo do começo do século 20 (entre 1912 e 1918) com as camas usadas pelos internos e foto atual



Fonte: Revista do Tatuapé. <http://revistadotatuape.com.br/2017/02/07/joia-historica/>

No site [vivatatuape.com.br](http://vivatatuape.com.br), do dia 01 de março de 2016, há uma matéria com o título “Casa do Regente Feijó – Um pedaço da história do Tatuapé” informando que foi tombada pelo CONDEPHAAT e pelo CONPRES P e que a propriedade é privada e não é aberta ao público para visitação. Fala brevemente sobre Feijó e posterior venda à AFBI, com 12 fotos atuais das partes internas e externas da casa e uma foto antiga, da época da AFBI.



## Ilustrações Fotográficas

As fotografias mostradas a seguir foram publicadas a partir de 1907 em quatro diferentes periódicos e no livro de Monteiro (1992), oferecendo o recurso visual para oportunizar mais um instrumento de informação sobre o contexto e os fatos registrados e reproduzidos na imprensa.

15

**Ilustração 1** - Analia com as professoras do Asylo.



Fonte: Jornal O Malho, 20 jul. 1907.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20190>

No periódico O Malho (revista ilustrada carioca que começou a ser veiculada em 1902), são divulgadas duas fotos de Analia (ao centro do primeiro plano) com um grupo composto por mulheres jovens, maduras e também negras. Na edição de 20 jul. 1907, p. 31, a foto é com o corpo docente do Asilo da Associação, mostrado na ilustração 1, e o comentário abaixo da foto, além dos números de escolas e crianças pobres atendidas, diz que a sociedade paulista dispensa um justo auxílio à Associação. E na



edição de 03 ago. 1907, p. 28, com as professoras e alunas do Liceu, na ilustração 2, e o comentário de que foi acrescido o nome dela.

**Ilustração 2.** Analia com as professoras do Lyceu.



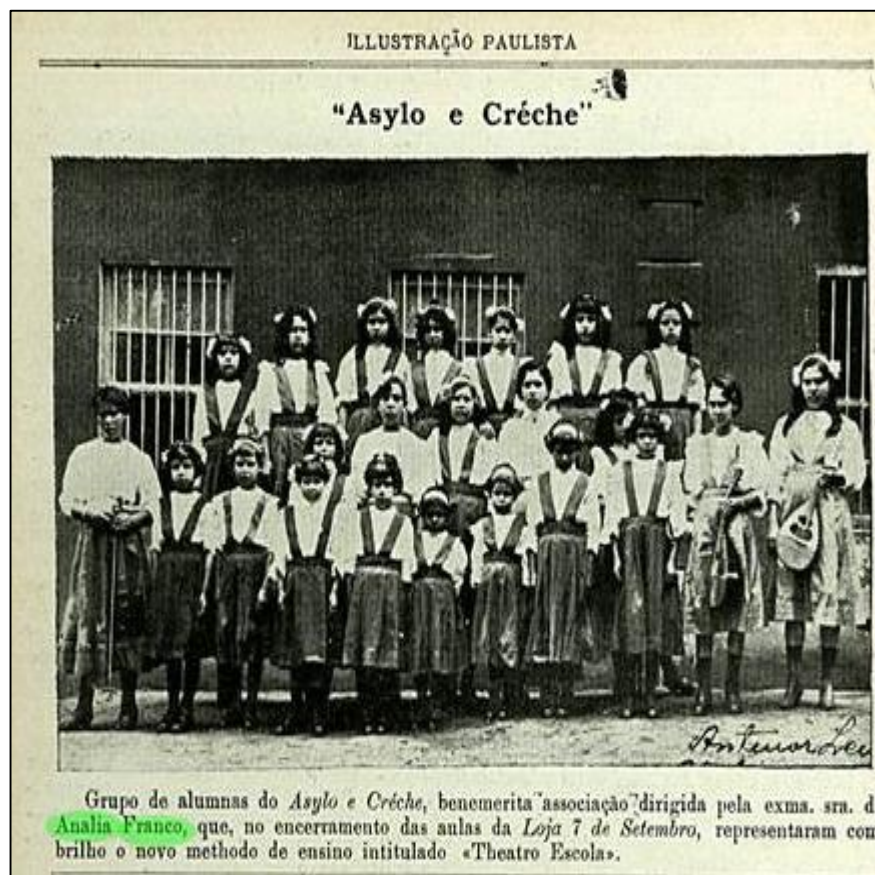
Fonte: Jornal O Malho, 03 ago. 1907.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20190>

O periódico Ilustração Paulista, de São Paulo, impresso entre os anos de 1910 a 1912, divulgou uma foto em 15 abr. 1911, na p. 18, como mostra a ilustração 3, de um grupo de alunas do Asilo e Creche da Associação, as quais representaram com brilho, o que o comentário define como ser o novo método de ensino intitulado “Theatro Escola”, por ocasião do encerramento das aulas da escola “Loja 7 de setembro”. A foto da ilustração 4, publicada neste mesmo periódico, no dia 06 mai. 1911, p. 18, mostra alunos da primeira escola mantida pela “Loja 7 de setembro” (e não pela FBI) e dirigida

por Analia. Apesar de estar escrito “Alumnas” abaixo da foto, nota-se a presença de alguns meninos.

**Ilustração 3.** Alunas do Asilo e Creche da “Loja 7 de Setembro”.



Fonte: Periódico Ilustração Paulista de 15 abr. 1911.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=186848&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>

**Ilustração 4.** Alunas da “Loja 7 de Setembro”.

Fonte: Periódico Ilustração Paulista de 06 mai. 1911.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=186848&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>

O livro de Eduardo Monteiro (1992) apresenta fotos de sucursais, cujas notícias das criações destas escolas no interior de São Paulo não constam nos materiais pesquisados, por esse motivo que são ilustradas abaixo. São os asilos e creches em Monte Azul, com a presença de Analia na foto (a segunda mulher, da direita para a esquerda), na ilustração 5, com um número equilibrado de meninos e meninas. E a grande maioria está de braços cruzados, como acontece em quase todas as fotos.



**Ilustração 5.** Asilo e Creche de Monte Azul.

Fonte: Monteiro (1992).

Em Santa Ernestina, na ilustração 6, nota-se a predominância de meninos, as meninas estão vestidas de branco, de diferentes faixas etárias, desde crianças bem pequenas até pré-adolescentes, e algumas crianças negras.

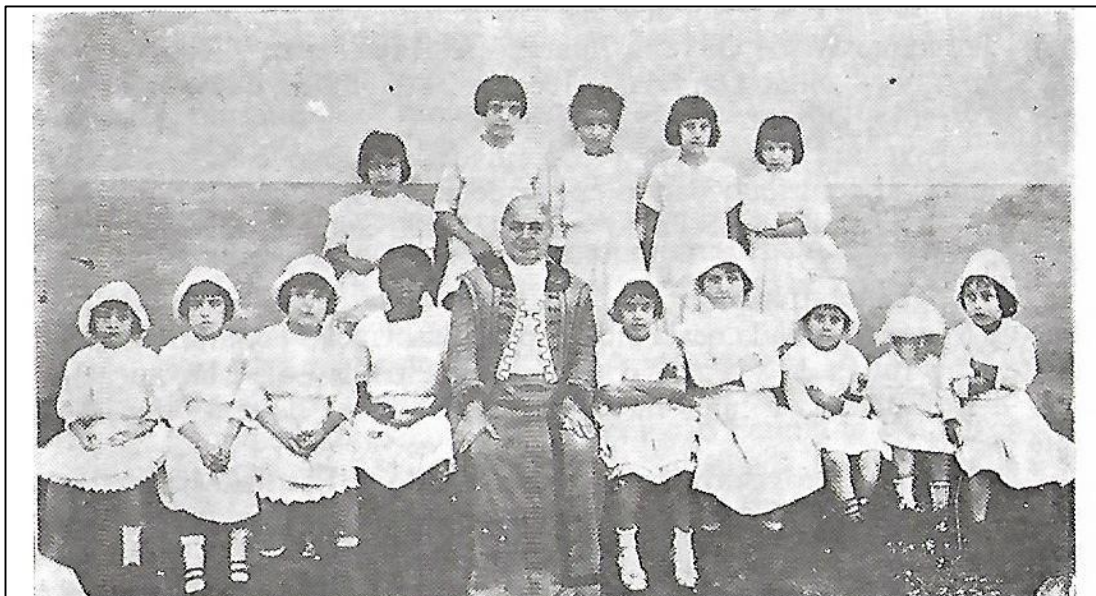
**Ilustração 6. Asilo e Creche de Santa Ernestina.**



Fonte: Monteiro (1992).

Em Santos, na ilustração 7, só aparecem meninas na foto e não foi descrito que seja Anália no centro.

**Ilustração 7. Asilo e Creche de Santos.**



Fonte: Monteiro (1992).



As duas fotos da ilustração 8 são de São José do Rio Preto, uma foto de meninos e outra de meninas (em maior quantidade a grande maioria vestidas de branco), desde pequenos até adolescentes, apenas alunos brancos, e as fotos não foram tiradas no mesmo local.

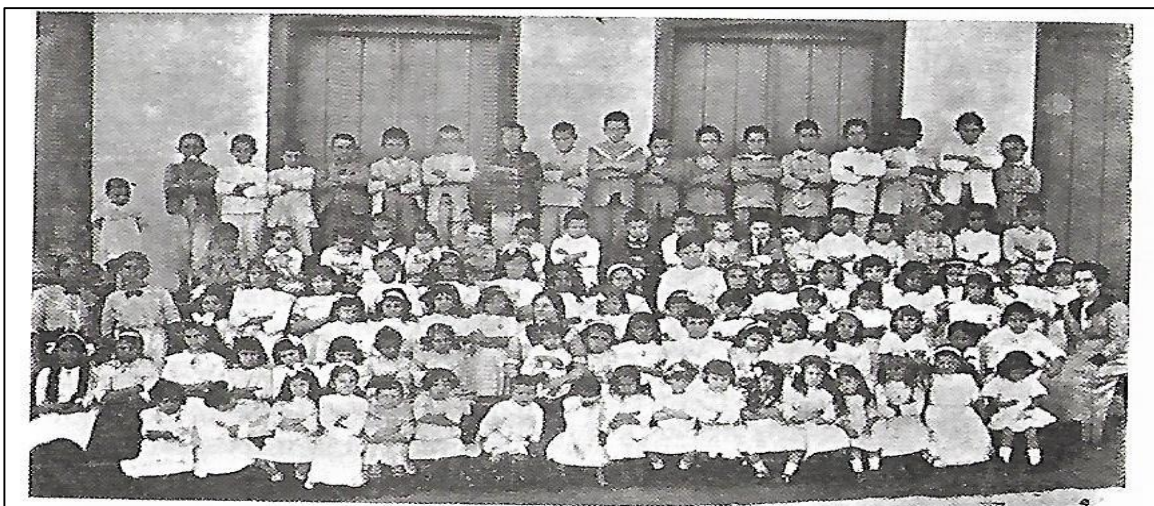
**Ilustração 8.** Asilo e Creche de São José do Rio Preto.



Fonte: Monteiro (1992).

E na ilustração 9 é de Rincão, com expressivo número de alunos, a maioria de meninas e estão vestidas de branco, os meninos estão de braços cruzados, algumas crianças negras, e com idades que variam de pueril até pré-adolescentes



**Ilustração 9.** Asilo e Creche de Rincão.

Fonte: Monteiro (1992).

No jornal *A Cigarra*, de São Paulo, publicado entre os anos de 1917 a 1975, encontram-se duas fotos: a primeira, publicada em 1919, p. 22, mostra as mulheres que constituíam a diretoria de então da AFBI e das meninas da orquestra da Associação, tirada no contexto de uma festa de um asilo, de acordo com a ilustração 10.

**Ilustração 10.** Banda musical da AFBI.

Fonte: Jornal *A Cigarra* de 1919.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003085&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>

E a segunda foto foi publicada no ano de 1921, p. 18, da Colônia Regeneradora Dom Romualdo, após a morte de Analia, conforme ilustração 11.

23

**Ilustração 11.** Colônia Regeneradora Dom Romualdo.



Fonte: Jornal A Cigarra, 1921.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003085&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>

Ainda sobre a Colônia, o jornal Ilustração Photographica, de São Paulo, editado durante os anos de 1919 a 1920, na 3ª edição do ano de 1919, p. 7, divulgou uma foto de alguns asilados da Colônia Regeneradora Dom Romualdo, mostrada na ilustração 12.



Ilustração 12. Colônia Dom Romualdo.



Fonte: Jornal Ilustração Photographica, de 1919.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=352012&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>

E por fim, a página 26 do jornal O Malho, publicado em 02 mai. 1925, com a foto dos alunos do “Asylo de Orphãos Analia Franco”, fundado por Francisco Bastos (ao fundo, o terceiro adulto da esquerda para a direita) na cidade do Rio de Janeiro, e a foto do edifício, como mostra a ilustração 13.

Ilustração 13. Francisco Bastos e o Asilo no Rio de Janeiro.

*O Malho* 2 — Maio — 1925

ASYLO DE ORPHÃOS ANALIA FRANCO



Esta instituição foi fundada pelo Sr. Francisco Antonio Bastos, viuvo de D. Analia Franco, em Juiz de Fóra, Estado de Minas Geraes, á 12 de Junho de 1919, após o desaparecimento daquella educadora, e com o montepio deixado por aquella Apostola do Bem, que era formada pela Escola Normal da capital do



*O edificio*

Estado de S. Paulo. O Sr. Bastos, transferiu este Asylo e o Apostolado do Bem para esta capital a 5 de Maio de 1922, installando a primeira séde nos suburbios, em "Todos os Santos", á rua Visconde de Tocantins, 53. O viuvo daquella educadora tomou a ingente tarefa de

*Um grupo de asylados*

perpetuar a memoria de sua companheira, fundando este Asylo e o Apostolado do Bem, que está em via de seu funcioamento, de modo que estas instituições, em conjuncto, são o proseguimento da grande obra deixada por aquella educadora, que fundou, em S. Paulo, a 17 de Novembro de 1901 a Associação Feminina, que, entretanto, hoje nada tem de commum com aquella Associação. O Asylo de Orphãos Analia Franco tem actualmente séde propria, na Rua Figueira 65, onde estão abrigadas 72 orphãs desvalidas. O seu fundador, que está a completar 70 annos de idade, é ainda um velho forte, cheio de energias, capaz de outros empreendimentos congeneres. Já se acha em projecto pela Directoria desta instituição, a construcção de pavilhões no mesmo terreno de sua séde para installação de officinas e o ensino profissional para creanças desvalidas dos dois sexos.

A directoria dessa bella instituição é composta do Sr. Bastos, seus auxiliares e respeitaveis senhoras e cavalheiros, negociantes, educadores, advogados e funcionarios que se recommendam pela sua posição social, cujos membros são os seguintes:

Director geral, Francisco Antonio Bastos; sub-director, Carlos Eugenio Messemburg; secretaria, Philomena Bigbie; thesoureira, Francisca Ramos Messemburg.

**Conselho deliberativo** — Director da Companhia Hanséatica, Theotonio Sá; negociante, Manuel Jorge Gaio; D. Ma-

rietta Gaio; professor, Eurico da Cunha F. Rabino; professora D. Honorina Ventania Rabello; contra-almirante, Francisco Vieira Paim Pamplona; guarda-livros, Antonio Joaquim de Lima; negociante, Henrique da Costa Narciso; proprietario, Manuel Fontão Outão; D. Amelia Ferreira da Cunha Vieira; D.



*Aspecto do Asylo*

Grasiella Hoibe Imbuzeiro; negociante, Henrique da Silva Amaro; Dr. Curio de Carvalho; negociante, Arthur Ribeiro; professora, D. Delizeth Tindó; funcionario, Luiz Babo; advogado, Dr. Luiz da Cunha Vieira; D. Alice Marzoratti de Oliveira.

— 24 —

Fonte: Jornal O Malho.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20190>



Francisco Antonio Bastos, viúvo de Anália, funda, por fim, a instituição Asylo de Orphãos Anália Franco, no subúrbio do Rio de Janeiro, em 1922, sem nenhuma ligação com a AFBI, mas com os mesmos princípios no campo da assistência social e da socioeducação e, de acordo com a foto acima, acolhia uma quantidade numerosa de meninas, desde crianças de colo até jovens. Esta instituição funciona até os dias atuais, como informa o site<sup>46</sup>, no mesmo endereço (hoje Av. Marechal Rondon, 875) sob o nome Lar Anália Franco. Atualmente está voltada a programas para famílias em estado de risco social e de atividades socioeducativas para crianças e adolescentes, atendendo 80 meninas com idade acima de 2 anos em regime de creche e semi-internato, além de apoiar suas famílias.

## REFERÊNCIAS

A CIGARRA, de São Paulo. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003085&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

A EPOCA, Rio de Janeiro. Disponível em:<

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720100&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

A FAMÍLIA: jornal litterario dedicado a educação da mãe e família (RJ) – 1888 a 1894 – de Josephina Alvares de Azevedo. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=379034&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20188>. Acesso em 03 mar. 2019.

A TRIBUNA, Rua João Pessoa, 129, Santos - SP, 07 jun. 1953, p. 05.

A VÓZ MATERNAL. História da Educação e da Infância. Fundação Carlos Chagas.

Disponível em:

<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/educacaoInfancia/EducacaoInfancia.abrirTopico.mtw?idTopico=1>>. Acesso em 20 out. 2017.

ABARCA, Pedro. **Tatuapé: Uma história fascinante**. São Paulo: Rumo, 1994.

ALMANAK DO ESTADO DE SÃO PAULO: Administrativo, Commercial e Profissional (SP), publicado em 1987. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829200&pesq=analia%20emilia%20franco&pasta=ano%20189>>. Acesso em 10 nov. 2018.

<sup>46</sup> Disponível em: < <https://www.laranaliafrancorj.org.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

ALMANACH PROVINCIA DE SÃO PAULO: Administrativo, Commercial e Industrial (SP), publicado de 1884 a 1888. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829161&PagFis=506&Pesq=analia%20emilia%20franco>. Acesso em 19 mar. 2019.

ALMANAK LAEMMERT: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) – 1891 a 1940. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=amalia%20franco&pasta=ano%20190>. Acesso em: 01 mar. 2019.

ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em:

<[www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital)>. Acesso em: 15 jun. 2018.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE SÃO PAULO. Disponível em:

<[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em:

<[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/jornais\\_revistas](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas)>. Acesso em: 22 de julho de 2018.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em:

<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_02&pesq=amalia%20franco&pasta=ano%20191](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pesq=amalia%20franco&pasta=ano%20191)>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 1900 a 1919. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_06&pasta=ano%20190&pesq=analia%20franco](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20190&pesq=analia%20franco)>. Acesso em: 17 jul. 2018.

DESCOBRINDO BARRETOS: 1845-2012. Imprensa Imprensa Oficial, 2012.

Disponível em: <<http://www.barretos.sp.gov.br/imagens/historiadebarretos.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2018.

DIARIO DE S. PAULO, São Paulo. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709557&pasta=ano%20187&pesq=analia>. Acesso em 05 mar. 2019.

DIÁRIO OFICIAL. Imprensa Oficial. Disponível em:

<[https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento\\_11\\_4.aspx?link=/1903/diario%2520oficial/janeiro/27/pag\\_0218\\_BK6GI9RKSDDI6eEPOT6FMC9AFI2.pdf&pagina=218&data=27/01/1903&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100218](https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=/1903/diario%2520oficial/janeiro/27/pag_0218_BK6GI9RKSDDI6eEPOT6FMC9AFI2.pdf&pagina=218&data=27/01/1903&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100218)>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ECHO DAS DAMAS: Orgão dedicado aos interesses da Mulher (RJ) – 1879 a 1888.

Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=248207&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20188>. Acesso em 03 mar. 2019.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1995.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **História da Educação e da Infância**. Disponível em:

<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/educacaoInfancia/EducacaoInfancia.abrirTopico.mtw?idTopico=1>>. Acesso em: 05 out. 2017.

ILUSTRAÇÃO PAULISTA, de São Paulo. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=186848&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

ILLUSTRAÇÃO PHOTOGRAPHICA, de São Paulo. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=352012&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

ISMAIL, Kenyo. **Curso de História da maçonaria no Brasil**. No Esquadro: Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2017/12/APOSTILA-HIST%C3%93RIA-DA-MA%C3%87ONARIA-NO-BRASIL-ENE.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2020.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Analia Franco**: a grande dama da educação brasileira. São Paulo: Editora Eldorado Espírita, 1992.

O BALUARTE, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845019>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

O COMBATE: Independência, Verdade, Justiça. São Paulo. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20191>>. Acesso em 10 jul. 2018.

O COMMERCIO DE SÃO PAULO, São Paulo, Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=227900&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20190>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

O ESTADO DE S. PAULO, São Paulo. Disponível em:

<<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

O MALHO, Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20190>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

O PAIZ, Rio de Janeiro. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_03&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20190](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=analia%20franco&pasta=ano%20190)>. Acesso em: 28 jan. 2019.

REVISTA DO TATUAPÉ, São Paulo, 07 de fevereiro de 2017, nº 126. Disponível em:

<<http://revistadotatuape.com.br/2017/02/07/joia-historica/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

SILVA, Ivanilson Bezerra; BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. **Elite maçônica e as escolas da Loja Sete de Setembro na revista A Maçonaria no Estado de São Paulo (1912-1932)**. Rev. Bras. Hist. Educ. vol.18. Maringá, 2018. Epub, Feb. 11, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-00942018000100223](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-00942018000100223)>. Acesso em 18 abr. 2020.

VIVA TATUAPÉ, São Paulo, 01 de março de 2016. Disponível em:

<<http://vivatatuape.com.br/portal/2016/03/01/casa-do-regente-feijo-um-pedaco-da-historia-do-tatuape/>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

*A autora declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.*